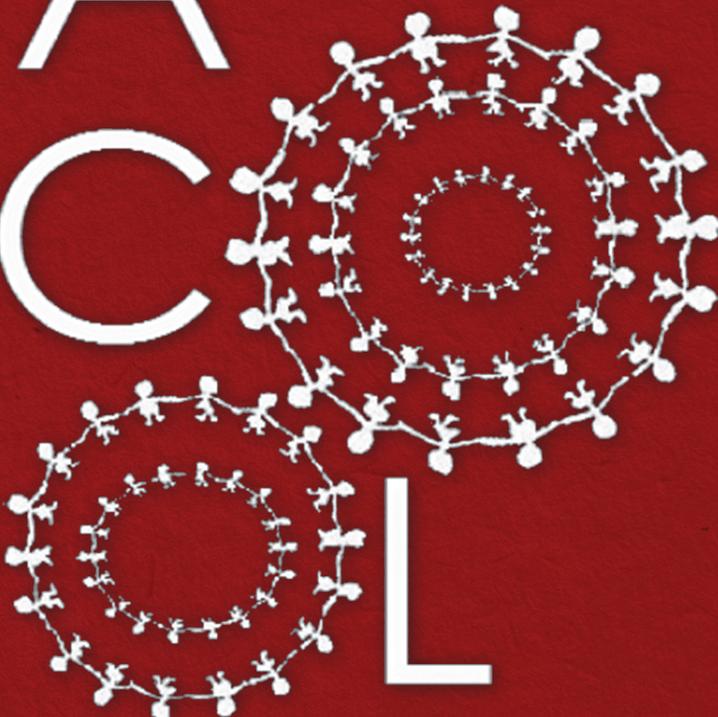


MATERIAL PEDAGÓGICO - FORMAÇÃO DE PROFESSORES

EJA EC SOL



O TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGESTIONÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CADERNO

2

Economia solidária e mundo(s) do trabalho



Criar uma nova cultura não significa apenas fazer, individualmente, descobertas originais, significa também e sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas. Socializá-las por assim dizer, transformá-las portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação de ordem intelectual e moral.

Antonio Gramsci

FICHA CATALOGRÁFICA

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno (coord.). Cadernos EjaEcosol. O trabalho associado e autogestionário na Educação de Jovens e Adultos (Material Pedagógico). Niterói, RJ: Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES / Universidade Federal Fluminense, 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego
Paulo Roberto dos Santos Pinto (interino)

**Secretaria Nacional de Economia
Solidária – SENAES/MTE**
Paul Israel Singer

**Departamento de Estudos
e Divulgação – SENAES/ MTE**
Valmor Schiochet

Ministério da Educação - MEC
Aloizio Mercadante

**Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização,
Diversidade e Inclusão - SECADI**
Claudia Pereira Dutra

Universidade Federal Fluminense
Roberto de Souza Salles

**Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia – ICHF**
Francisco de Assis Palharini

**Incubadora de Empreendimentos da
Economia Solidária da Universidade
Federal Fluminense (IEES-UFF)**
Maria Lucia Pontual Braga
Barbara Heliodora França
Sérgio Ricardo Castilho

**Coordenação do Projeto Ações de
Apoio à Educação de Jovens e Adultos
Trabalhadores em Articulação com a
Economia Solidária**
Sérgio Ricardo Castilho
Bárbara Heliodora França
Érica Barbosa
Lia Tiriba
Olinéa Cysneiros

**Coordenadores de Educação
de Jovens e Adultos**
Eliane de Oliveira (Rede Municipal de
Educação de São Gonçalo – RJ)
Ana Cristina Costa Magalhães (Rede
Municipal de Educação de Niterói – RJ)

Coordenação do material pedagógico
Lia Tiriba
Maria Clara Bueno Fischer

Consultores
Sônia Rummert
Henrique Tahan Novaes
Jaqueline Ventura
Osmar Fávero

**Professores das Redes Municipais de
Educação de Niterói e São Gonçalo**
(Ver nominata na 3ª capa)

Bolsistas da/ na Equipe Pedagógica
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Tatiana de Lourdes Venceslau
Vitor Garcia
Monique Feder

Bolsistas Eja/Ecosol
Carolina Pazos Pereira
Clariana Morato Alcântara
Cristiana Maria da Silva
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Flávia Ruas Fernandes Pereira
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Monique Feder
Raquel Silva Barreto
Sandra Mara Alves Amâncio
Tatiana de Lourdes Venceslau
Thais Danton Coelho
Thaís Barrozo Melo
Valesca de Souza Almeida
Vitor Garcia

Apoio técnico-pedagógico
Diego de Azevedo Sodré
Marcia Meireles

Programação visual e diagramação
Sylvio Marinho
Daniel Tiriba

Logomarca do projeto Eja/Ecosol
Monique Feder

Revisão
Cristiana Deluiz

Edição
Lia Tiriba

Olá, professores e professoras de Educação de Jovens e Adultos!

Olá, formadores e formadoras em Economia Solidária!

Olá, educadores e educadoras!

Bem-vind@s aos Cadernos EjaEcosol ! Organizado em seis cadernos, cada pedacinho do material pedagógico que ora apresentamos em formato digital, foi construído pensando em possíveis maneiras de articular processos de Educação de Jovens e Adultos aos princípios e práticas da Economia Solidária. No Caderno 1 encontram-se os fundamentos teórico-metodológicos que orientam os demais Cadernos, todos eles compostos de seis sessões que buscam contemplar dimensões teóricas e práticas necessárias à educação/formação em Economia Solidária – formação essa que, aos poucos, estende-se à escola pública.

A partir da premissa do trabalho associado e autogestionário como princípio educativo na constituição de novas relações econômicas, sociais e culturais, o material pedagógico pretende ser um meio pelo qual podem ser reveladas as experiências dos trabalhadores-estudantes, bem como suas capacidades de trabalho associado e autogestionário, inclusive as latentes e não manifestas. Tendo em conta a base curricular nacional de EJA, ao trazer para o currículo escolar as relações entre trabalho associado e educação, nossa intenção é contribuir para que, no interior da escola pública possam ir se tecendo práticas educativas em consonância com uma cultura do trabalho calcada nos princípios de solidariedade, autogestão do trabalho e da vida social.

Envolvendo professores e professoras das redes públicas de educação dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Rio de Janeiro), gestores públicos, educadores dos Fóruns de Economia Solidária e outros interessados em EjaEcosol, a matriz do material formativo-pedagógico e de apoio didático foi produzida nas oficinas e discussões realizadas no Projeto de Extensão Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária, desenvolvido no ano de 2011, pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária - IEES, da Universidade Federal Fluminense - UFF. Em relação à metodologia e conteúdos dos processos de formação em Economia Solidária que propomos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos – EJA, também levamos em conta os conhecimentos até então acumulados no movimento mais amplo da Economia Solidária, expressos nos documentos elaborados pelo Fórum de Economia Solidária – FBES, Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Entre os sujeitos dos Cadernos EjaEcosol, não podemos deixar de registrar a consultoria de pesquisadores, bem como a presença de estudantes da UFF que, na condição de bolsistas, participaram como mestres e aprendizes.

O caminho se faz ao caminhar... A todos e todas, agradecemos pela solidariedade e compromisso ético-político em defesa da educação integral das trabalhadoras e trabalhadores-estudantes de EJA.

Equipe EjaEcosol

Envie sugestões e comentários para cadernosejaecosol@gmail.com

CADERNO
1
EjaEcosol na teoria e na prática

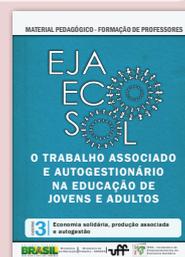
Fundamentos teórico-metodológicos
 Biblioteca Virtual
 Navegação solidária
 Videoclipes e filmes de curta
 Sala de leitura (textos em PDF)
 Referências bibliográficas


CADERNO
2
Economia solidária e mundo(s) do trabalho

Para início de conversa...	9
Atividades pedagógicas	16
Palavras de trabalhadores-estudantes	44
Produção associada de saberes	48
O mundo dentro e fora da escola	57
O que é o que é....	62

CADERNO
3
Economia solidária, produção associada e autogestão

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem de novas relações sociais de produção

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



Mundos do Trabalho

Para início de conversa...



*Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho...*

*E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata...*

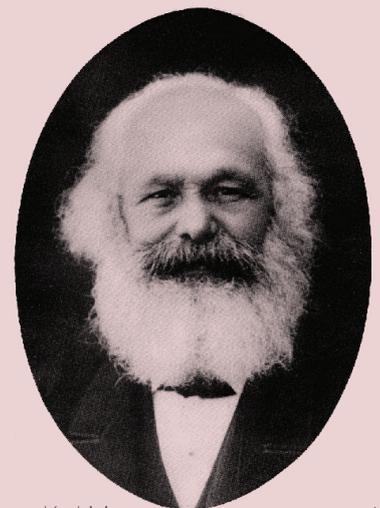
*Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino).
Gonzaguinha*

S em o seu trabalho, homens e mulheres têm seus sonhos e esperanças castrados...?! Esta afirmação nos faz pensar e nos perguntar sobre o lugar do trabalho nas nossas vidas. Com base em Marx, Frigotto (2002) afirma que o trabalho pode ser pensado em, pelo menos, duas dimensões fundamentais: como criador da vida humana, que é o seu sentido mais perene, ontológico e, também, como ele se apresenta em cada momento histórico, como hoje no capitalismo. A luta por uma “sociedade de produtores livremente associados” afirma, principalmente, o trabalho como criador da vida. Este pressuposto nos ajuda a entender a relevância e, por outro lado, os limites das atuais experiências de trabalho associado que fazem parte do movimento da Economia Solidária.



O trabalho que cria a vida humana, “como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana.” (MARX, 1982, p.50 in FRIGOTTO, 2002, p.13)

A luta por uma “sociedade de produtores livremente associados” afirma, principalmente, o trabalho como criador da vida.



Karl Marx

No entanto, sob as relações sociais capitalistas, por não serem proprietários dos meios de produção, os trabalhadores necessitam vender a sua força de trabalho, que se torna, então, uma mercadoria como as outras. O trabalho assalariado se configura, então, como trabalho alienado; para sobreviver, os trabalhadores e trabalhadoras lutam para manter sua condição de assalariados, ou seja, de **empregados**. O **emprego** é uma relação, formalizada através de um contrato, entre quem é dono dos meios de produção – o patrão, o empregador – e o possuidor da força de trabalho – o trabalhador, o empregado.

Quando perdem o emprego, além do salário e de alguns direitos sociais (hoje tão minguados pela flexibilização das relações entre capital e trabalho), outras perdas objetivo-subjetivas acontecem como, por exemplo, a comprovação de rendimento para obtenção de crédito para compra da casa própria; sem falar da companhia dos colegas de trabalho. Perder o emprego representa perder “carteira de trabalho assinada” ou a esperança de vir a tê-la; abala a saúde emocional e ameaça o sentimento de pertencimento à classe trabalhadora. Podemos dizer, então, que os “trabalhadores livres”, porque podem vender “livremente” sua força de trabalho, foram, na realidade, escravizados pela lógica do sistema capital. O contrato de trabalho legaliza esta relação desigual e de exploração do capital sobre o trabalho (FISCHER e TIRIBA, 2009).

O trabalho assalariado se configura, então, como trabalho alienado

Podemos dizer, então, que os “trabalhadores livres”, porque podem vender “livremente” sua força de trabalho, foram, na realidade, escravizados pela lógica do sistema capital

A dura realidade indica que, com a crise estrutural do emprego, existe a possibilidade iminente dos desempregados não voltarem a ocupar um lugar ao sol no mercado do trabalho. A generalização de uma “nova informalidade” (TAVARES, 2004) demandada pela reestruturação produtiva e assegurada com a flexibilização das relações entre capital e trabalho, rompe com as fronteiras entre “trabalho formal” e “trabalho informal”, reservando aos trabalhadores a inserção em trabalhos precários sob a forma de terceirização, em tempo parcial, transitório, sazonal, com baixos salários e sem direitos sociais. O termo “mercado de trabalho” carrega consigo a ideia de que o trabalho é uma mercadoria que deve ser vendida no mercado; mas se já não é possível encontrar um comprador para a força de trabalho, obter um “trabalho decente”¹ e tampouco a sonhada “estabilidade no emprego”, há de se criar, individual e coletivamente, novas formas de produção e reprodução da existência.

Vale pontuar que, no capitalismo, mesmo com a garantia de todos os direitos sociais, ao configurar-se como trabalho-mercadoria, o trabalho assalariado é trabalho alienado e, portanto, trabalho precário, vida precária. Não diferenciando “trabalho” e “emprego”, os dados estatísticos mascaram o desemprego, disfarçado pelo desalento ou pelo subemprego como também as atividades pertencentes ao mundo da economia popular, as quais não se configuram como “trabalho precário” e tampouco como “trabalho ainda mais precário” (entendido como



Seu Geraldo: há 16 anos nas ruas

A dura realidade indica que, com a crise estrutural do emprego, existe a possibilidade iminente dos desempregados não voltarem a ocupar um lugar ao sol no mercado do trabalho.

¹A Organização Internacional do Trabalho define trabalho decente da seguinte forma: “é um trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade, e segurança, sem quaisquer formas de discriminação, e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem de seu trabalho.” (Disponível em <http://migre.me/8F0SZ> acessado em 12/08/1957)

resultado do conjunto de medidas que favorecem a flexibilização das relações capital-trabalho, entre elas a terceirização e o emprego temporário). Em geral, ao reduzir a categoria Trabalho a trabalho assalariado, ao reduzir o conjunto de trabalhadores à condição de “empregados” e “desempregados”, os economistas circunscrevem a produção social da vida às regras das relações capitalistas de produção, sugerindo que trabalho é, necessariamente, uma mercadoria que deve ser posta à venda no mercado.

Por tratar-se de uma temática recente, começa a se tornar lugar-comum dizer que a economia popular é o “refúgio dos desempregados”. Como Malaguti (2000:152), acreditamos que os trabalhadores assalariados “obtem seus rendimentos fora e dentro da empresa”, construindo uma complexa rede de atividades/rendimentos salariais que garantem a sua sobrevivência”. Por ser “trabalhador assalariado” e, simultaneamente, um “trabalhador independente”, seu status do trabalhador deriva-se “de uma experiência de vida seguidamente complexa e multifacetada, cujas variantes ocasionais interpenetram-se, definindo e redefinindo o que agora se faz e, seguidamente, do que pretende fazer” (Ibid:166). Um bom exemplo são os professores das redes públicas e privadas de ensino que, concorrendo para o fundo comum da renda familiar, além de vender sua força de trabalho para o Estado ou para o empresário, aproveitam o tempo livre do recreio para vender biquínis, soutiens, brincos de prata e salgadinhos. Sobre estes trabalhadores ambulantes (considerados privilegiados por “ter emprego”), costuma-se dizer que eles não querem nada com o magistério e muito menos com a educação. No entanto, o estudo sobre as organizações populares e o significado da pobreza na Cidade de Deus (bairro do Rio de Janeiro), ajuda-nos a compreender que a



identidade do trabalhador é parte de um caleidoscópio de inúmeros arranjos possíveis: quando está em jogo a reprodução da unidade doméstica e a manutenção do “padrão de vida que separa a miséria da pobreza e afasta o espectro da fome” (ZALUAR, 2002:93), os trabalhadores podem ter, ao mesmo tempo, várias ocupações – que em nosso entender, situam-se ora no mundo da economia informal, ora no mundo da economia popular.

Temos denunciando as concepções utilitaristas de educação, cujas práticas buscam uma maior afinidade com os “interesses do mercado” (capitalista). Mas, na verdade, apesar da negação a força de trabalho como mercadoria, pouco temos avançado em projetos de formação de ultrapassem os muros do “mercado de trabalho”. No atual momento em que vivemos uma crise econômica sem precedentes na história (leia-se, mais uma vez, na história do capitalismo), caminhando contra o vento das políticas neoliberais, as pessoas se desdobram para tentar assegurar a reprodução ampliada da vida. Se, além do “direito ao emprego”, os seres humanos precisam assegurar o “direito ao trabalho não alienado”, merecem atenção dos economistas (e, também, dos educadores) não apenas as variadas formas de “trabalho precário”, como também as antigas relações econômico-sociais que, perdurando no tempo/espço vêm sendo cotidianamente re-criadas pelos setores populares no interior do mercado global. Como diz Razeto, o mercado não é um ente abstrato e, tampouco se resume ao mercado capitalista; sendo a relação econômica uma relação social, o mercado não se constitui só em “um imenso arsenal de mercadorias”, como simplificam os teóricos do mercado, pois “os bens econômicos não se apresentam só como mercadorias, mas também como presentes, tributos, [...] cotas, contribuições, etc.” (RAZETO, 1994:32). Além do mercado formal ou informal de

Caminhando contra o vento das políticas neoliberais, as pessoas se desdobram para tentar assegurar a reprodução ampliada da vida



trabalho, existem outros mercados, nos quais a força de trabalho não se configura como uma mercadoria, entre eles o mercado da economia (popular) solidária. Estimular a produção associada e fortalecer outros mercados que se contraponham à lógica do mercado capitalista é um dos desafios de nossos tempos (TIRIBA, 2010)

Sabemos que uma andorinha só não faz verão. É preciso instaurar uma nova sociedade e, portanto, outra economia. O movimento da Economia Solidária é uma manifestação histórica dessa luta de homens e mulheres por “outro mundo possível”.

Lia Tiriba e Maria Clara Bueno Fischer

Referencias bibliográficas

FISCHER, Maria Clara Bueno e TIRIBA, Lia. De olho no conhecimento “encarnado” sobre trabalho associado e autogestão. **Educação Unisinos** 13(3):201-210, setembro/dezembro 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: CIAVATTA, Maria e FRIGOTTO, Gaudêncio (org.) **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, p.11-27.

MALAGUTI, M. L. **Crítica à razão informal**. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.

MARX, Karl. **O Capital**. 7.ed. São Paulo: Difel, 1982.

RAZETO, Luis: **Las donaciones y la economia de solidaridad**. Santiago:Ediciones PET, 1994

TIRIBA, Lia. Ciência econômica e saber popular: reinventar o “popular” na economia e na educação. In: PISCANÇO, Iracy e TIRIBA, Lia. **Trabalho e Educação**: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. São Paulo: Ideias & Letras, 2010. 2ª ed., p. 75-101.

ZALUAR, Alba. **A revolta e a máquina**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2000.

Ementa: Dimensões ontológicas e sociológicas do trabalho. Mudanças estruturais no capitalismo e mudanças na vida da classe trabalhadora. Desemprego e subemprego, estratégias de sobrevivência e iniciativas econômicas associativas. Economia capitalista e economia solidária.



Sabemos que uma andorinha só não faz verão. É preciso instaurar uma nova sociedade e, portanto, outra economia. O movimento da Economia Solidária é uma manifestação histórica dessa luta de homens e mulheres por “outro mundo possível”.

Para início de conversa...



Atividades Pedagógicas

Componente curricular: Ciências

Conteúdo: Ecologia

Objetivo: Analisar a situação ambiental do planeta Terra no que diz respeito ao acesso e utilização da água

Quem está roubando a nossa água?

Para refletir sobre as relações que os seres humanos estabelecem com a natureza é importante lembrar que nos constituímos como parte integrante da mesma, no entanto, sem a terra e outros elementos naturais, não há como nos perpetuar como espécie. Sem a água, por exemplo, não há vida, não há como a força de trabalho humano se realizar. Por isso, o que deve ser motivo de estranhamento é a dicotomia seres humanos/natureza produzida ao longo da história da humanidade e cujo apogeu se verifica na sociedade capitalista.

É por meio do trabalho que transformamos a natureza, moldando-a de acordo com nossas necessidades materiais e espirituais. No capitalismo, a natureza tem sido apropriada como meio para garantir maior produtividade para o capital, ameaçando a vida na terra. Sabemos que a água está presente em tudo que consumimos: para produzir 1kg de trigo, precisamos de 900 litros de água; para 1kg de arroz, 1.400 litros de água; 1kg de alumínio exige 100 mil litros; e para a fabricação de um carro são gastos 400 mil litros de água. Ao mesmo tempo, cerca de 1,3 bilhões de seres humanos têm acesso precário a este bem vital.



Queremos indústrias, queremos empregos, queremos consumir! Entretanto, é preciso que tenhamos claro os limites do planeta. Para manter a vida na Terra, é necessário rever nossas ideias, nossos hábitos alimentares, nossos padrões de consumo e produção. O trabalho, então, não teria mais como fim o valor de troca, mas o bem-estar dos povos, da natureza, ou seja, de todos os seres vivos. O trabalho seria, assim, uma atividade voltada para a preservação da vida, e não para a sua destruição; seria fonte de satisfação das necessidades humanas e não da indução e manipulação de consumidores. Por isso, as práticas econômicas da Economia Solidária caminham, ainda que contraditoriamente, no sentido inverso do capital.



DICAS

- Sobre os princípios da economia solidária em relação ao meio ambiente, veja <http://migre.me/86Gdp>



- Outros dados sobre a questão da água poderão ser encontrados na Agenda 21, disponível no sítio do ministério do Meio Ambiente www.mma.gov.br



- Sobre “trabalho e desemprego”, consulte o sítio do Ministério do Trabalho www.mte.gov.br

Recurso didático: Música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes.

Passo a passo

1- Distribuir em sala a letra da música “Planeta Água” e ouvir com os estudantes.

2- Trabalhar as principais idéias da letra da música, especialmente as que dizem respeito à importância da água para a natureza.

3- Apresentar aos estudantes alguns princípios da Economia Solidária no que diz respeito ao meio ambiente.

4- Propor pesquisas sobre as indústrias existentes na região: Que benefícios trazem? Quantos empregos geram? O que produzem? Estão causando poluição, inclusive da água? Quais as condições de vida da população da cidade e dos empregados das indústrias? Elas estão voltadas para o bem estar dos moradores da cidade? Que forma de trabalho seria necessária para uma vida realmente melhor? Que alternativas temos frente ao capitalismo?

5- Elaboração de cartazes para serem expostos na escola com a síntese da pesquisa e com as conclusões dos estudantes.

6- Apresentação dos cartazes a outros estudantes, professores e funcionários.

Avaliação: Redação, em pequenos grupos, de texto que indique possibilidades de relações entre seres humanos e natureza que contrariem a lógica do capital.



DICAS

- Sobre trabalho associado e relações entre seres humanos e natureza, leia TIRIBA, Lia e SICHI, Bruna. **Cios da terra: saberes da experiência e saberes do trabalho associado** (Texto em PDF, disponível em nossa Biblioteca Virtual)
- Procure em uma locadora os filmes **A Cooperação** de Jennifer Abbott Mark Achbar (Canadá, 2004) e **Pachamana**, de Eryk Rocha (Brasil, 2008)

Componente curricular: Educação Física

Conteúdo: Corpo; Saúde do trabalhador

Objetivos: Compreender que a saúde não é apenas ausência de doenças ou enfermidades. Refletir sobre as condições de trabalho e suas implicações para a saúde dos trabalhadores.

A dor do corpo e a dor da vida.

De acordo com o texto abaixo “nosso corpo é uma máquina perfeita, mas exige manutenção”? O que você acha dessa afirmação? Ser uma “máquina perfeita” significa ter saúde? Em 1948, a Organização Mundial da Saúde definiu saúde como “estado de completo bem-estar físico, mental e social, não meramente a ausência de doença ou enfermidade”. A Lei Orgânica da Saúde (8.080/90) indica os seguintes determinantes da saúde: alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer e acesso a bens e serviços. Isso quer dizer que não podemos inferir sobre o bom ou mal funcionamento da “máquina”, sem considerar as condições objetivas e subjetivas de produção da existência humana.

Ventilação, iluminação, fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI), prevenção de acidentes e de doenças do trabalho, condições de higiene e outras questões relativas à segurança, citadas na Consolidação das Leis do Trabalho e na legislação complementar são elementos que indicam se o local apresenta as condições adequadas para realização do trabalho. As relações entre o trabalhador e a máquina; o ritmo, a intensidade e as pausas que existem durante a jornada de



DICAS

- Para se informar sobre temas da saúde, ver sites www.oms.org e www.saude.gov.br.

- Para o debate, consulte a Lei Orgânica da Saúde (8.080/90), a qual pode ser encontrada no livro **SUS: Comentários à Lei Orgânica da Saúde**, de Guido Ivan de Carvalho e Lenir Santos, Capinas, Editora Unicamp, 2006.

trabalho; os períodos de descanso e prevenção da fadiga; o grau de periculosidade da atividade, a proteção do trabalho do aprendiz, o assédio moral e sexual, assim como todas as questões que dizem respeito aos Direitos Sociais, assegurados na Constituição de 1988 (Título II, Capítulo II) etc. também são elementos que incidem sobre a saúde física e subjetiva do trabalhador. A Economia Solidária nos desafia a fazer e pensar uma organização do trabalho que assegure a saúde física, mental e emocional do trabalhador/a como resultado de um processo mais amplo, que privilegia a criação coletiva de novas maneiras de produzir a vida social. Ao contrário do que acontece na economia capitalista, as relações de trabalho se configuram na perspectiva do bem estar dos trabalhadores/as e a comunidade à qual pertencem. O objetivo do trabalho não é o capital, mas a própria vida. Ao proporcionar aos trabalhadores o conhecimento de todo o processo de produção, busca-se romper com a concepção de que o trabalhador/a é um mero “apêndice da máquina”



DICAS

- Sobre a relação entre corpo e máquina, veja o filme **Tempos Modernos**, de Charles Chaplin (França e USA, 1936)



Nosso corpo é uma máquina perfeita, mas exige manutenção*

Já diz a sabedoria popular que nosso corpo é nosso maior tesouro. E o povo sabe muito. O nosso corpo é nossa morada e nossa melhor ferramenta. A ciência ensina que ele é uma máquina perfeita, feito para durar e funcionar por muito tempo. Comer, andar, correr, dançar, nadar no rio ou no mar, tomar chuva de vez em quando, descansar e dormir são cuidados importantes que devemos ter para que esta máquina funcione de maneira equilibrada e supra suas próprias necessidades.

Sentimentos, sensações e atitudes não estão fora de nosso corpo. Eles têm funções diferentes e sustentam a vida tanto quanto a respiração, a digestão ou a circulação de nosso sangue. O corpo é bom para trabalhar, para brincar, para descansar, para amar, para estar com outro corpo. E, evidentemente, ninguém vive sem um corpo! Nosso tesouro, morada, máquina é sempre bonito. Estar de bem com ele é sinal de muita saúde.

*Fonte: Crianças em Férias - Alcides P. da Fonseca - Quatá - SP, 1943, citado em CUT – Todas as Letras, Caderno do Educando

Passo a passo

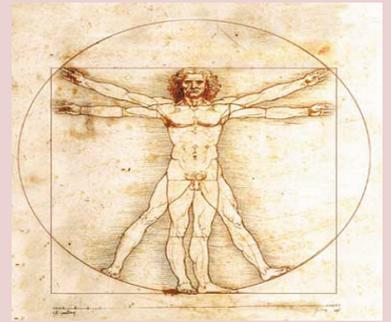
1- Leia o texto para a turma e pergunte aos estudantes-trabalhadores o que eles entendem por saúde. Nosso corpo é uma máquina que necessita de manutenção? Como vai a saúde de cada um?

2- Apresente os determinantes e condicionantes de saúde e peça que, tendo em conta suas próprias condições de vida e trabalho, listem as possíveis consequências para a saúde física, mental e emocional da classe trabalhadora.

3- Sugira que os estudantes criem frases sobre saúde do trabalhador, iniciadas das seguintes formas: a) “Ter saúde é...”; b) “Poderíamos ser mais felizes no trabalho se...”.

4- Peça para fazerem cartazes com as frases e que organizem uma exposição nos corredores da escola.

Avaliação: Criação e apresentação de uma peça teatral na escola relatando as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora e suas consequências para a saúde.



Leonardo da Vinci

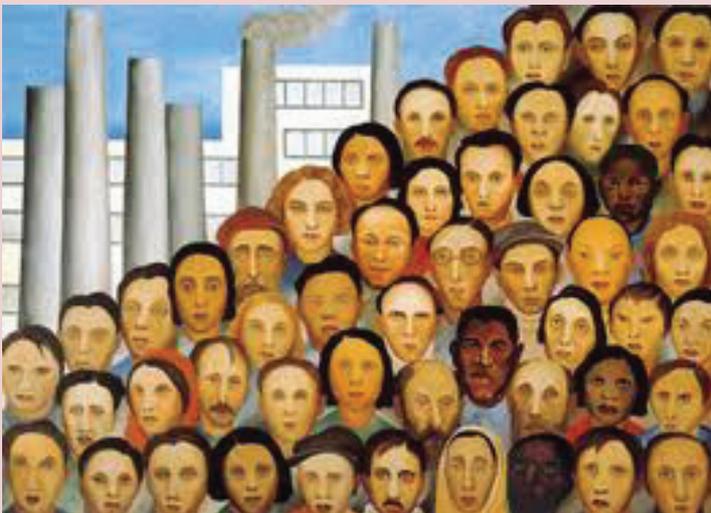
Componente curricular: Geografia.

Conteúdo: Diferenças regionais

Objetivo: Identificar as diferenças geográficas e as características do trabalho nas principais regiões do país (sul, centro-oeste, sudeste, norte e nordeste). Refletir sobre as propostas da Economia Solidária como alternativa sócio-econômica.

O Brasil tem seu *brasis*

Vivemos em um país de grande extensão geográfica. São 8.514.876 km². Ao percorrer as diversas regiões do Brasil, nos deparamos com diferentes tipos de relevos, solos, climas, vegetações e hidrografias. Desde os Pampas Gaúchos, até os cerrados do Centro-Oeste e as caatingas do Nordeste, passando pela Floresta Amazônica, pelas zonas litorâneas do Leste, pelos solos semi-áridos nordestinos, até os morros, serras, colinas e chapadas do Centro-Sul, constatamos as diferentes formas e proporções que a natureza toma em cada região. Sabemos que as formas de trabalho realizadas em cada uma dessas regiões estão diretamente relacionadas às particularidades geográficas. Os Pampas Gaúchos, por exemplo, são tradicionalmente voltados para a agropecuária; na região Centro-Sul há a chamada terra roxa, de extrema qualidade e apropriadas para o cultivo de café, algodão, cana de açúcar e laranja.



Tarsila do Amaral



DICAS

- Consulte o **Atlas de Economia Solidária no Brasil - SENAES/MTE** em <http://migre.me/86Gu0>
- Leia CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Editora Antares, 1984. Também disponível em <http://migre.me/86Gx1>

De acordo com o Censo 2010 (IBGE), no Brasil existem 190.732.694 habitantes, sendo que apenas 29 milhões vivem em zonas rurais; os demais estão apinhados nas cidades. Cotidianamente, de que vivem e como vivem os trabalhadores e trabalhadoras? Vale à pena analisar a geografia física dos territórios brasileiros, suas características e especificidades, indicando os tipos de trabalho característicos de cada região, bem como as condições em que os trabalhadores realizam o trabalho. Nunca é demais destacar que muitos deles vivem sob regimes de trabalho extremamente extenuantes e desfrutam de uma condição de vida imersa na miséria e no desamparo.

Certamente, os estudantes de EJA têm muito a contar sobre as diversas regiões do Brasil. Onde nasceram? Como é a paisagem? O que mais sabem sobre a geografia do lugar? Como essas terras foram apropriadas? Quem vivia nelas e o que produziam antes da chegada dos portugueses? Lá, como são as condições de vida e trabalho? E aqui? Por que imigraram para o Rio de Janeiro? Também seria interessante verificar se algum estudante teve a oportunidade de participar, por exemplo, da formação de cooperativas agrícolas autogestionárias e outras organizações da Economia Solidária.

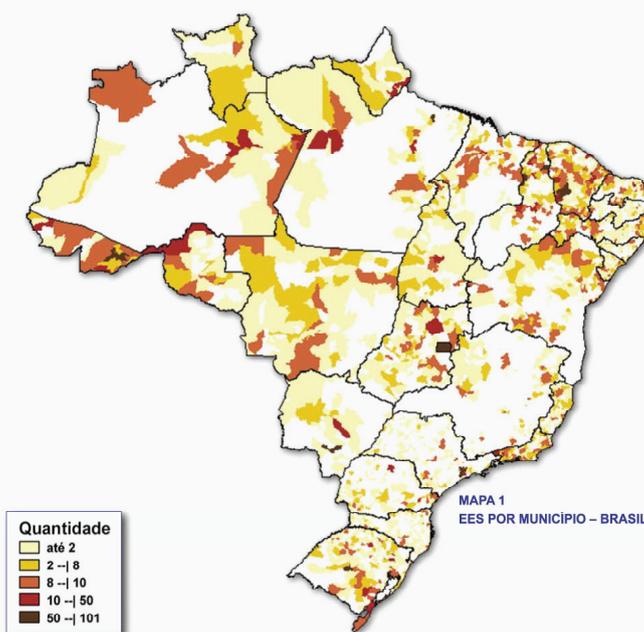


DICAS

- Sobre trabalho escravo contemporâneo, veja o artigo “Amazonia, trabalho escravo, conflitos de terra e reforma agraria”, de Ronaldo Lima Araújo, publicado no **Boletim Germinal**. <http://migre.me/86GBh>



Um Mapa da Economia Solidária no Brasil



Recursos didáticos:
Mapa físico e
mapa da Economia
Solidária no Brasil

Passo a passo

1- Faça um levantamento dos locais onde os trabalhadores-estudantes e seus pais nasceram. Em que regiões do Brasil se localizam? Em seguida, estimule o debate acerca das condições de trabalho, moradia e estudo nessas nesses locais/regiões. É importante considerar as múltiplas atividades de trabalho necessárias para reprodução da vida social, inclusive aqueles em âmbito familiar (economia doméstica/economia familiar).

2- Apresente o mapa físico do Brasil, descreva as características geográficas de cada região (Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste e Norte) e estabeleça relações com as características de trabalho.

3- Apresente o *Atlas da Economia Solidária no Brasil* para indicar a localização geográfica das atividades econômicas que, ao contrário da lógica do capital, se fundamentam no trabalho associado e autogestionário. Pergunte aos trabalhadores-estudantes se, em algum momento de suas vidas, eles e/ou seus pais tiveram a oportunidade de vivenciar essas experiências de trabalho.

4- Reunir os estudantes em cinco grupos. Cada grupo será responsável por uma região do Brasil. Pedir para que os grupos formulem uma história apresentando personagens típicos da região pela qual ficou responsável, indicando suas relações com o ambiente em que vivem e suas condições de trabalho.

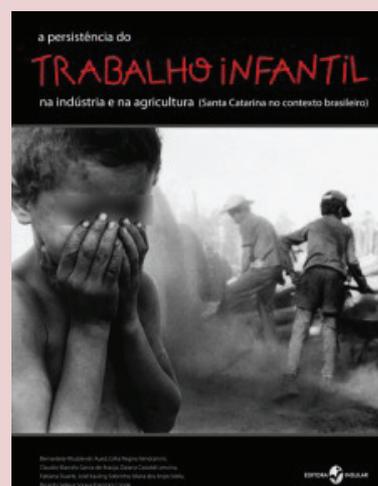
5- Em seguida, por meio de encenações ou outra manifestação artística, os grupos deverão apresentar os seus resultados de suas produções.

Avaliação: Analisar a coerência das histórias apresentadas com a realidade sócio-econômicas das diversas regiões do Brasil.



DICAS

- Para refletir sobre a condição de classe dos estudantes de EJA, é instigante o livro AUED, Bernadete e VENDRAMINI, Célia R. (org). **A persistência do trabalho infantil na indústria e na agricultura** (Santa Catarina no contexto Brasileiro). Florianópolis: Insular, 2009.



Componente curricular: História.

Conteúdo: Formas de resistência ao sistema capital; luta de classes.

Objetivo: Perceber que o capitalismo não é a única forma possível de organização social e que em diversos espaços/tempos históricos, os trabalhadores experimentaram, resistiram e criaram alternativas concretas ao sistema capital.

Trabalho e capital: outro mundo é possível?

Diversas músicas nos ajudam a compreender as contradições entre capital e trabalho que se manifestam também no cotidiano dos trabalhadores-estudantes. A música *Trabalhador*, de Seu Jorge, é uma delas. Sabemos que uma grande parcela da população brasileira trabalha em condições extremamente precárias e penosas. No Brasil, desde a década de 1990, com a flexibilização das relações entre capital e trabalho, os trabalhadores têm perdido direitos sociais que haviam



sido historicamente conquistados pelas classes trabalhadoras. A exploração do trabalho é parte integrante de um sistema de relações econômico-sociais que, formalmente, teve início na Revolução Industrial inglesa do século XVIII e se alastrou pela grande maioria dos países do mundo nos séculos seguintes. O capitalismo produz, inevitavelmente, uma série de mazelas sociais, dentre as quais, desemprego, fome e miséria. Ao trabalhadores/as podem modificar essa realidade? Será que podemos reverter os rumos da história?

Ao nos debruçar sobre história das relações econômico-sociais podemos perceber que o desenvolvimento do sistema capital foi acompanhado de lutas de resistência por parte dos trabalhadores, por uma série de movimentos contestatórios que, em muitas ocasiões, tiveram força para mudar conjunturas e transformar realidades. Um destes movimentos que, a partir dos anos de 1990 vem ganhando força em diversas partes do mundo é o da Economia Solidária.

Para refletir sobre as possibilidades de superação do sistema capitalista, os estudantes de EJA precisam perceber que o modo de vida ao qual estão imersos não é algo natural, mas fruto de condições particulares de um determinado tempo histórico. Nesse sentido, o estudo da História se mostra importante, por ser um instrumento que nos possibilita compreender que o mundo nem sempre foi da maneira que é hoje e que a mudança não é uma idealização, mas sim uma possibilidade concreta.

Recurso didático: Música de Seu Jorge, intitulada “Trabalhador”

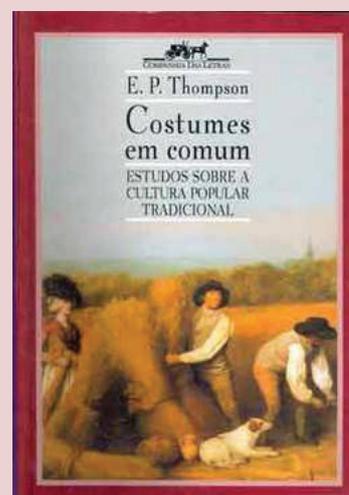
Passo a passo

1- Distribua a letra e, junto com os estudantes, escute e discuta a música Trabalhador, de Seu Jorge
<http://migre.me/86GPu>



DICAS

- Sobre as lutas de resistência ao capitalismo, leia THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



2- Peça que os estudantes descrevam suas condições de trabalho e, em seguida, ajude-os a contextualizar a crise do emprego e a flexibilização das relações entre capital e trabalho, em especial a partir de 1990, no Brasil.

3- Separe a turma em dois grupos. Um dos grupos será de defesa da sociedade capitalista e o outro de ataque. O objetivo é gerar um grande debate, intermediado pelo professor, onde cada grupo irá argumentar sobre as vantagens e desvantagens do trabalho no modo de produção capitalista. Dar 15 minutos para os grupos discutirem isoladamente e depois promover uma discussão aberta entre os dois grupos.

4- É importante que o professor interfira no debate, expondo exemplos históricos que mostrem para os alunos que, por diversos momentos na história contemporânea, houve a concretização de movimentos alternativos ao sistema capitalista: Comuna de Paris, Revolução Russa, Revolução Chinesa, Revolução Cubana, os estados socialistas satélites da União Soviética, Coreia do Norte, o socialismo em Angola e Moçambique, o movimento revolucionário vietnamita, entre outros. Importante lembrar os momentos de resistência no Brasil, com o Quilombo dos Palmares, Canudos e as Ligas Camponesas. Além disso, dar exemplos de grupos de produção associada no Brasil e no mundo que trabalhem fundamentados pelos preceitos da economia solidária (Bancos comunitários, cooperativas, fábricas ocupadas, redes de comércio justo, entre outros).

5- Tendo em conta o debate, solicitar que, individualmente, redijam um pequeno texto intitulado *Outro mundo é possível?*

Avaliação: Analisar conteúdo das redações e, além disso, considerar as formas de participação e intervenção dos estudantes no debate.



DICAS

● Sobre a dimensão educativa da Revolução dos Cravos (1974-1976), veja TIRIBA, Lia. **Processo de trabalho e processo educativo. Notas sobre o período de ouro da educação de adultos em Portugal.** (texto em PDF que se encontra em nossa Biblioteca Virtual)



● Procure em uma locadora os filmes **Germinal**, de Claude Berri, baseado na obra de Emile Zola e **Quilombo**, de Cacá Diegues (1984)



Componente curricular: Língua Portuguesa e Literatura

Conteúdo: Leitura literária.

Objetivos: Contribuir para a formação de leitores capazes de ler e interpretar o mundo.

Leitura solidária

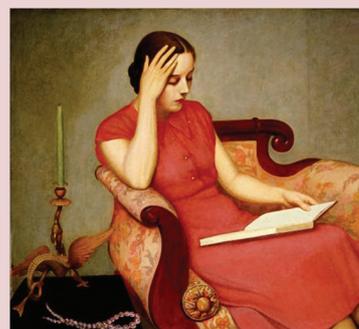
“Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos.” (Antonio Cândido).

A escuta de textos orais é prevista pelos Parâmetros Curriculares para a EJA, no entanto, não necessariamente literários. Fundamentados no Direito à Literatura, de Antonio Cândido, preceituamos a prática da leitura oral de textos literários em sala de aula que tem ao mesmo tempo a intenção de orientar a formação do leitor e de subsidiar as discussões acerca dos temas do tempo presente. Tendo em vista que o professor mediador possui habilidade para respeitar a pontuação e desenvoltura para modular a voz, são conferidas ao texto as pausas e as entonações necessárias para dar vida aos escritos. Desta forma o leitor



DICAS

- Assista ao vídeo **Ler devia ser proibido** (Campanha de Incentivo à Leitura)
<http://migre.me/86Hfm>



Claude Buck

ouvinte terá a oportunidade para desfrutar dos textos sem ter como obstáculo a dificuldade de decodificação e terá um exemplo de leitura oral que o incentivará a aprimorar a própria leitura.

Recursos didáticos: Livros de Literatura. Indicação: *A Revolução dos Bichos* de George Orwell. A obra não é uma Literatura de Língua Portuguesa, no entanto, transcende as barreiras da língua e atinge um caráter universal ímpar ao ilustrar a alienação conseqüente do analfabetismo utilizando animais para representar o comportamento humano em face à exploração e à opressão, reforçando assim a discussão sobre os direitos humanos. A fábula é uma sátira política que promove a reflexão sobre qual o papel do sujeito na sociedade e as suas possibilidades de atuação, intervenção e transformação, enaltecendo e consolidando o caráter emancipador da Literatura e da Educação.

Passo a passo

1- O professor selecionará, inicialmente, as obras literárias do seu repertório que estimulem reflexões acerca das formas pelas quais, historicamente, reproduzimos a vida social.

2- Após a apresentação dos títulos escolhidos, os alunos votarão qual é o mais interessante para iniciar o projeto, que por sua vez também deverá acolher sugestões dos estudantes igualmente sujeitas à votação pela turma.

3- Ao passo que a leitura se torne desestimulante à maioria, a obra deve ser substituída por outra, bem como nos é de direito interromper uma leitura que não nos agrada. Assim, se reaviva o interesse pela literatura atingindo o principal objetivo: a formação do leitor.

4- A leitura deverá ser clara, articulada e bem interpretada para que os estudantes sejam capazes de visualizar a narrativa.



DICAS

● “Na sessão Os mundos dentro e fora da escola, leia a matéria a respeito da literatura sobre os mundos do trabalho”

● Para uma crítica às relações de poder, leia **A Revolução dos Bichos**, de George Orwell. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



5- O tempo da leitura da obra deve ser equacionado a partir da primeira leitura, e assim inserido no cronograma o tempo que lhe cabe. A variedade de obras lida para uma turma ao longo do curso não deve o mais importante, e sim o interesse despertado.

Avaliação: Esta atividade prevê a auto-avaliação por parte do professor: se as suas escolhas são frutíferas, se a sua leitura é estimulante, se os estudantes o acompanham com atenção.

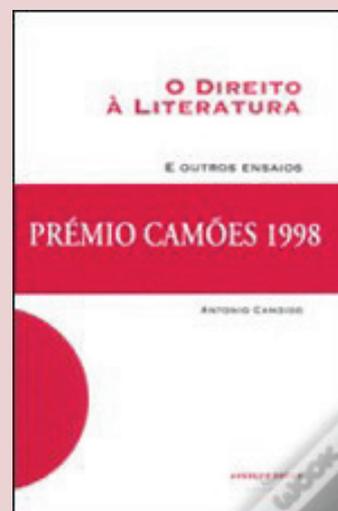


Jules Girardet



DICAS

- Sobre os fundamentos teóricos da “introdução” dessa atividade ver **O direito à literatura**, de Antonio Cândido. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul; 2004. p.169-91.



Componente curricular: Matemática

Conteúdo: Porcentagem

Objetivo: Refletir sobre a diversidade de atividades de trabalho que constituem a totalidade dos processos de reprodução da vida social.

O rapa vem aí...

Com a *crise do trabalho* assalariado, as pessoas que foram expulsas ou nunca conseguiram ingressar no chamado “mercado formal de trabalho” se vêem diante do desafio de inventar qualquer coisa para sobreviver: fazer malabarismo no sinal de trânsito, transformar-se em homem estátua, vender roupas íntimas, doces, salgados e outros produtos fabricados por empresas de renome internacional e, mesmo, pelas fabriquetas de quintal. Para esses trabalhadores, a rua se tornou um espaço privilegiado de trabalho.



DICAS

- Veja taxas de desemprego no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE www.ibge.gov.br



Com a justificativa de colocar um fim na “desordem” urbana, as prefeituras dos grandes centros urbanos têm retirado ambulantes e camelôs das ruas da cidade. Alega-se que a “informalidade” cria nas pessoas uma sensação de insegurança, propicia a prática de crimes e, além disso, contribui para diminuir as vendas nas lojas dos comerciantes que, numa atitude civilizada, pagam seus impostos. Sem desconsiderar a necessidade de respeitar o espaço público, inclusive o direito de andar pelas calçadas, é importante questionar se a repressão aos trabalhadores de rua é capaz de por fim ao caos urbanos, o qual resulta das próprias contradições do sistema capitalista. A diminuição da oferta de emprego, derivada das novas formas de acumulação de capital (acumulação flexível), faz com que a corda se esgarce e se rompa, gerando mudanças significativas na vida da classe trabalhadora. Assim, para garantir a reprodução ampliada da vida, a população lança mão de “estratégias de trabalho” e “estratégias de sobrevivência”.

Nesse contexto de desordem urbana (e humana) vale perguntar: Será que reprimir o “direito ao trabalho” dos trabalhadores de rua vai garantir uma “vida civilizada”? Como milhares de famílias vão sobreviver? Para saber como os desempregados (sobre)vivem, vamos fazer as contas? Quanto gastam e quanto recebem na labuta do dia-a-dia?

Recurso didático: Música *Dança do desempregado*, de Gabriel O pensador

Passo a passo

1- Escute a música e veja o vídeo *Dança do desempregado*, de Gabriel O Pensador

<http://migre.me/86HnB>

Em seguida, analise o conteúdo da letra com os estudantes. Peça que destaquem o que lhes chamou atenção, relacionando com as suas condições de vida e trabalho;



DICAS

● Para saber mais sobre as condições de vida e trabalho dos estudantes de EJA, leia: TIRIBA, Lia e SICHI, Bruna. **Os trabalhadores e a escola: de olho nas cultura(s) do trabalho.**

(Texto em PDF, disponível em nossa “Biblioteca Virtual”)

● Você pode criar atividades pedagógicas, problematizando o cálculo da Cesta Básica. Ver <http://migre.me/86HuS>

2- Discuta as causas do desemprego e subemprego, tendo em conta as mudanças estruturais do modo de produção capitalista. Procure se informar sobre as atuais pesquisas sobre trabalho e renda no Brasil.

3- Proponhas a resolução do seguinte problema: Devido a crise estrutural do emprego, muitas pessoas procuram no subemprego os meios de sobrevivência para suas famílias. Vejamos a situação de Seu Silva, camelô que vende, em média, R\$ 40,00 em produtos por dia. No entanto ele mora distante do lugar em que trabalha, precisando pegar dois ônibus nesse deslocamento, gastando o valor de R\$ 8,00 na viagem de ida. O problema é que Seu Silva também precisa pagar por mês R\$ 50,00 aos “seguranças” locais, para que não seja roubado ou tenha as mercadorias danificadas pelo rapa. E isso afeta seu orçamento mensal. Tendo em conta que Seu Silva trabalha 20 dias por mês, qual sua renda mensal? Quanto gasta de passagem? Qual é a porcentagem de sua renda que Seu Silva é obrigado a dar para a manutenção de sua segurança?

4- Algum estudante trabalha ou já viveu a experiência de trabalhar nas ruas da cidade? Considerando suas próprias condições de vida, sugira que, individualmente, os estudantes criem problemas de matemática relativos à sobrevivência de suas famílias. Em seguida, os estudantes trocam, entre si, os seus problemas.

5- Debate: como podemos resolver coletivamente nossos problemas de classe?

Avaliação:

Propor a redação de cartas coletivas endereçadas aos jornais e rádios da cidade, contendo o posicionamento dos estudantes quanto à repressão aos trabalhadores de rua. Importante que incluam argumentos em relação às condições de vida e trabalho nos grandes centros urbanos.



DICAS

- Sobre estratégias de trabalho e de sobrevivência, vale a pena assistir ao filme **O caminho das nuvens**, de Vicente Amorim (Brasil, 2003)



Componente curricular: Orientação Profissional

Conteúdo: Trabalho e desemprego; trabalho assalariado e trabalho associado

Objetivo: Analisar os significados do trabalho no sistema capitalista

O trabalho nosso de cada dia

Na perspectiva marxiana, a categoria *Trabalho* diz respeito à mediação dialética dos seres humanos com a natureza. É a forma pela qual os seres humanos, ao objetivar e conferir humanidade às coisas da natureza, humanizam-se com as criações e representações que produzem sobre o mundo. Ao transformar a natureza, transformamos a nós mesmo como elementos da natureza. Nos processos de produção da vida social, o trabalho ganha diferentes configurações; assim, dependendo do contexto histórico, além de criação da vida, o trabalho pode se transformar em elemento de destruição da vida. Na “sociedade produtora de mercadorias”, ou seja, no capitalismo, a forma de trabalho também se torna uma mercadoria. As pessoas que acumularam riquezas devido à exploração e à obtenção ou legitimação da propriedade privada dos meios de produção compram o trabalho das pessoas que não têm acesso a estes meios.

Desde a década de 1970, estamos assistindo à crise estrutural do trabalho assalariado, ou melhor, à crise do emprego fixo com direitos sociais. Com o esgotamento do padrão fordista de acumulação de capitais, os capitalistas acabam por inventar maneiras mais rentáveis de exploração da força de trabalho. Os desempregados continuam trabalhando, porém muitas vezes numa condição de subemprego. E mesmo aqueles que estão empregados precisam complementar a sua renda com outros afazeres, vis-



DICAS

- Para uma crítica da lógica excludente da sociedade capitalista, procure em uma locadora o filme **O corte**, de Costa Gravas (Belgica, Espanha 2005) e **O sucesso a qualquer preço**, de James Foley (EUA, 1992)



to que o salário que ganham não é suficiente para manter condições básicas para sua sobrevivência. Ao contrário da lógica excludente do mercado capitalista, a Economia Solidária propõe que as pessoas se reúnam e trabalhem juntas e que a riqueza produzida por todos seja dividida igualmente. Ao invés da propriedade privada dos meios de produção, da exploração da força de trabalho e da heterogestão, as práticas desse tipo de economia se substanciam na propriedade coletiva dos meios de produção, no trabalho associado e autogestionário.

Recursos Didáticos: Filme *De La Servidumbre Moderna*, de Jean-François Brient (2009)

Passo a passo:

1- Faça aos estudantes as seguintes perguntas: Alguém nesta sala trabalha? Fazendo o quê? Quem paga pelo seu trabalho? Por quê? Porque você trabalha?

2- Apresentar o vídeo *De La Servidumbre Moderna*, de Jean-François Brient (2009)

<http://migre.me/8F0Vm>

3- Debater sobre o vídeo assistido, a partir de algumas perguntas norteadoras: O que você achou do filme? O que te impressionou no filme? Por quê? Com quem você se identifica neste filme? Por quê? Como você analisa o trabalho exercido por você na sociedade em que vive?

4- Pedir que, em duplas, escrevam uma redação sobre o que foi discutido em sala de aula. Leitura oral das redações.

Avaliação: Considerar o conteúdo do debate e das redações.



DICAS

● Você pode sugerir aos estudantes a leitura de trechos do livro de Léo Huberman denominado **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

● Para aprofundar seus conhecimentos sobre as atuais mudanças no mundo do trabalho, você pode ler ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1996.

Componente curricular: Educação Artística

Conteúdo: Formas de expressão artística. Trabalho alienado e trabalho-criação

Objetivo: Refletir sobre as relações entre trabalho e arte

Trabalho e arte: afinal, como (sobre)vivemos?

Desde os primórdios da humanidade, a arte tem sido criada e recriada como forma de expressão e representação simbólica das relações sociais que, nos diversos espaços/tempos históricos, os seres humanos estabelecem com a natureza e entre si. Além disso, a arte tem a capacidade de sensibilizar mentes e corações. Uma das características ontológicas do ser humano é a criação, a qual só é possível pela práxis, ou seja, pela capacidade humana de viver intensamente a relação dialética entre ação, pensamento e ação. Para poder afirmar que a Arte requer tanto trabalho intelectual como trabalho manual, nunca é demais nos perguntar sobre o trabalho do escultor: ora, se não é possível separar *homo faber* e *homo sapiens*, que tipo de trabalho ele realiza?

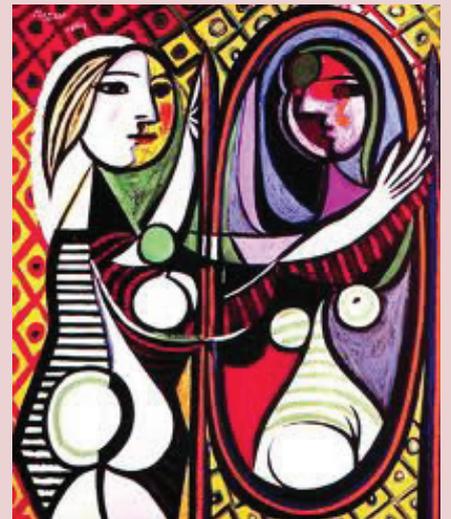
Para comunicar algo, o corpo precisa se colocar em movimento. Quem, alguma vez, não se emocionou (e não chorou) diante de uma obra de arte? Arte ou artesanato? Afinal, quem define o que é e o que não é arte? Isso tudo, sem falar da arte de amar, da arte de sobreviver...

Na perspectiva do mercado capitalista, a arte tem sido utilizada e reduzida a uma função utilitária, mercadológica, estando a serviço da realização do desejo de poucos. Se, de uma maneira geral, a classe trabalhadora não tem usufruído ao “direito à arte”,



DICAS

- Sobre a relação entre trabalho e arte, não deixe de ler FISHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.



Picasso

podemos inferir que um projeto de formação/educação em Economia Solidária carrega consigo a arte, como expressão do trabalho-criação e, ao mesmo tempo, denúncia do trabalho alienado. Para isso, antes de tudo é necessário perceber o que os estudantes de EJA sentem e sabem sobre Arte e como, por meio dela, poderiam expressar o mundo do trabalho.

Recursos Didáticos: Filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. Pinturas de artistas impressionistas, como por exemplo as de Van Gogh.



DICAS

- Veja o vídeo **O que é arte? Para que serve?**

<http://migre.me/86Hz9>

- Acesse o Museu Van Gogh

<http://migre.me/86HAJ>



Passo a passo:

1- Dialogue com os trabalhadores-estudantes sobre as seguintes questões: a) Onde moram? Com quem moram? Em que trabalham?; b) O que é Arte? Alguém já visitou um museu? Quando? Qual? Que impressões tiveram?

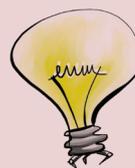
2- Fale sobre as diversas formas de expressão artística e como a pintura e o cinema, por exemplo, podem expressar o mundo do trabalho. Depois, junto com eles, assista ao filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. Como o artista retrata o trabalho na sociedade capitalista? Como é o trabalho-criação ou trabalho alienado?

3- Divida a turma em grupos e peça que escolham pinturas que estão no sítio do *Museu Van Gogh*, nas quais os impressionistas retratam o mundo do trabalho, em especial o trabalho no campo. Em seguida, que compartilhem com o grande grupo: O que vêem? O que sentem? O que é preciso saber para descobrir em que relações sociais de produção se dão as atividades de trabalho?

4- Proponha aos estudantes que, individualmente, utilizem a pintura para representarem as atividades de trabalho por ele desenvolvidas.

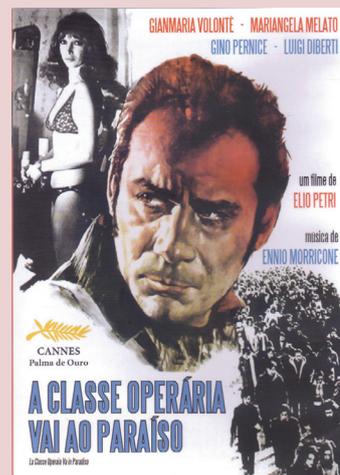
5- Reúna o material e peça que cada estudante apresente seu trabalho para o grupo: trata-se de trabalho alienado ou trabalho-criação?

Avaliação: Será realizada pelos próprios estudantes e pelo professor, levando em conta o envolvimento na atividade.



DICAS

- Filmes interessantes que retratam o trabalho na sociedade capitalista e em especial, a resistência dos trabalhadores: **A classe operária vai ao paraíso**, de Elio Petri (1971); **Eles não usam Black Tie**, de Leon Hirshman (1981).



Componente curricular: Língua Estrangeira (Espanhol)

Conteúdo: Leitura e compreensão de texto. Gramática.
Objetivos da Atividade: Refletir sobre condições de vida e de trabalho;

Somos todos *hermanos*

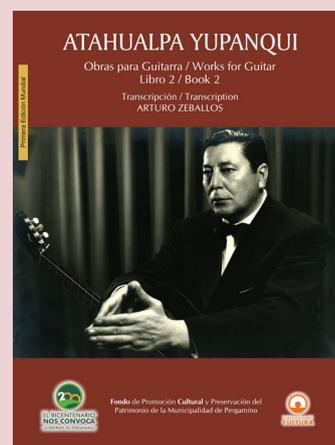
Vivemos em tempos de mundialização do capital o que repercute, entre outros, na globalização de bens materiais e simbólicos. A internet nos permite amplo acesso às mais variadas informações sobre o que acontece em outros países, regiões e pequenas localidades do mundo inteiro. Diferentemente de outros tempos históricos, o desenvolvimento científico-tecnológico nos propicia, em um curto espaço de tempo, tomar conhecimento do que acontece não só em Niterói e São Gonçalo, mas também nos mais longínquos rincões do mundo. Mas, será que realmente <http://migre.me/86HGz> chegamos a conhecer as particularidades da realidade humano-social das populações que vivem no Chile, Equador, Angola ou na Líbia? Será que os proprietários dos meios de comunicação nos permitem penetrar nas contradições entre capital e trabalho que atravessam o cotidiano de vida dos povos latino-americanos?

Cada vez mais, nossas vidas parecem se circunscrever às tentativas de realização de nossos interesses individuais e dos pequenos grupos nos quais estamos inseridos (família, igreja, escola), distanciando-nos do sentimento de coletividade, no sentido mais amplo: a comunidade, a cidade, o país, os povos latino-americanos. A música *Los hermanos*, de Atahualpa Yupanqui, corrobora para uma útil e necessária reflexão: a



DICAS

- Veja o vídeo ilustrativo da música **Los Hermanos**, de Atahualpa Yupanqui <http://migre.me/86HQh>



de (re)conhecer outras realidades, outros mundos do trabalho e também a possibilidade de nela nos (re)conhecer como latino-americano. A invocação de *hermanos* indica uma afirmação do coletivo em detrimento do individual, intento máximo, em última instância, do movimento da Economia Solidária. Por isso Atahualpa declara que entre os irmãos, há *una hermana muy hermosa que se llama libertad*.

Geralmente, quando se utiliza a palavra “*hermanos*”, pensa-se numa invocação aos países de colonização hispânica da América Latina como um todo. Mas, apesar da característica comum da língua, esta sofre as mais diversas variações de acordo com diferentes regiões e países. É uma boa oportunidade para reforçar as variações gramaticais básicas que a língua espanhola sofre, tanto na América Latina como na Espanha. Como apontamento gramatical mais evidente, há as diferenças na utilização dos pronomes pessoais. Ao se trabalhar os pronomes pessoais, contudo, torna-se necessário se debruçar sobre a conjugação verbal, primeiramente dos verbos no presente e, posteriormente, no passado e no futuro. No que diz respeito à comunicação oral, muitos fonemas, apesar de serem escritos da mesma forma, sofrem variações quanto à entonação e som. Também seria uma boa oportunidade de trabalhar com os falsos cognatos, indicando variações entre o português e o espanhol.

Recurso didático: Música *Los hermanos*, de Atahualpa Yupanqui



DICAS

- **Leia As veias abertas da América Latina**, de Eduardo Galeano.
<http://migre.me/86HGz>



Passo a passo:

1- Ouvir a música com a turma, acompanhada da leitura da mesma. Trabalhar as questões gramaticais e de vocabulário contidas no texto.

2- Sugerir interpretação de texto: o que os estudantes têm a dizer sobre *hermanos*? Somos todos *hermanos*? O que fazem os bolivianos e peruanos nas calçadas do Rio de Janeiro? Além de pessoas vindas de diversas regiões do Brasil, encontramos trabalhadores de que nacionalidades?

3- A partir da frase *cada cual con su trabajo, con sus sueños cada cual*, sugerir pesquisa sobre as condições de vida e trabalho dos povos andinos e de outras regiões do mundo..

Avaliação: Debate sobre o resultado da pesquisa.



Memorial da América Latina

**DICAS**

- Sobre as formas de resistência dos trabalhadores latino-americanos ao capitalismo, leia **NASCIMENTO, Claudio. O poder comunal e autogestionário na América Latina** (Texto em PDF disponível em nossa Biblioteca Virtual)



<http://migre.me/8EXIB>



Los Hermanos *Atahualpa Yupanqui*

Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar
En el valle en la montaña
En la pampa y en el mar
Cada cual con sus trabajos
Con sus sueños cada cual
Con la esperanza delante
Con los recuerdos detrás
Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar

Gente de mano caliente
Por eso de la amistad
Con un lloro para llorarlo
Con un rezo para rezar
Con un horizonte abierto
Que siempre esta más allá
Y esa fuerza pa buscarlo
Con tezón y voluntad
Cuando parece más cerca
Es cuando se aleja más
Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar

Y así seguimos andando
Curtidos de soledad
Nos perdemos por el mundo
Nos volvemos a encontrar
Y así nos reconocemos
Por el lejano mirar
Por las coplas que mordemos
Semillas de inmensidad
Y así seguimos andando
Curtidos de soledad
Y en nosotros nuestros muertos
Pa que nadie quede atrás
Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar
Y una hermana muy hermosa
Que se llama libertad

Palavras de trabalhadores -estudantes...



**Palavras de
trabalhadores-estudantes...**

Trabalhar para viver ou viver para trabalhar?

Hoje em dia está muito difícil para se viver. Se não trabalhamos, não temos nada pra oferecer para nossa família. (Antônio)

Eu sempre trabalhei pra viver mas, agora, a vida ficou mais difícil, porque a gente chega a certa idade em que não conseguimos nada. Não só pela idade, mas pela falta de estudo, tudo é caro e fica complicado sobreviver. Quando vêm os filhos, fica ainda mais difícil. Mas tudo bem, agora eu só vivo pra trabalhar. (Roseli)

Não tenho medo de trabalhar, o que pintar eu faço. Eu já trabalhei em várias coisas: já fui caixa, secretária, vendedora e, hoje, sou costureira. Trabalho para sustentar minha casa e meus filhos. Pretendo dar uma educação digna pra eles, mostrar que sem estudo não somos ninguém. (Maria do Carmo)

Essa é nossa vida do dia a dia, trabalho e mais trabalho. Será que vai ser sempre assim? Se esse governo investir mais na educação, um dia isso tudo vai mudar. (Catarina)

Só assim nós podemos melhorar de vida, até mesmo fazer uma faculdade. Para ser um cidadão digno nesse país, é preciso ter mais oportunidade para entrar nas escolas e cursos. (Roberto)

Quando nós entramos em uma sala de aula, o objetivo principal é terminar os estudos para entrarmos logo no mercado de trabalho.

Com essa atitude, muitas vezes deixamos de lado os nossos sonhos e nos enfiamos naquele trabalho que seria mais lucrativo para cada um de nós. (Wallace)

O trabalho é muito importante na vida do ser humano, pois é através dele que sobrevivemos. Devemos trabalhar naquilo que gostamos para que nos faça bem e, assim, possamos ter prazer naquilo que fazemos. O trabalho é, sem dúvida, um meio de vida de qualquer cidadão, mas também devemos ter nossos direitos.

Como trabalhador, nossos dias de folga são importantes para que possamos curtir a família e poder descansar um pouco, mas independente de qualquer profissão, tudo que se faz com honestidade é bom, você pode ser manicure ou padeiro ou comerciante, etc. O que importa mesmo é que você goste do seu trabalho e viva bem com ele. É através do trabalho que pagamos nossas dívidas e trazemos o pão de cada dia para dentro de casa. (Seu Onório)

Tudo bem que aprender uma nova profissão é bom também para o nosso conhecimento, mas, depois que nos aposentamos, o que nos resta? Melhor seria para cada um de nós juntarmos o prazer com o dever de trabalhar. Assim não seria tão massacrante, como é trabalhar só pela obrigação de nos sustentar. (Seu Cláudio)

O trabalho é bom, mas eu vejo as pessoas que trabalham sofrerem porque o salário é muito baixo. Isso não é certo, pois eles trabalham muito para ganhar muito pouco, porque eles são injustos e isso não é certo. Então, não quero trabalhar assim porque eu não sou escravo de ninguém para trabalhar muito para ganhar pouco. **(Udison)**

Trabalho no Porto de Niterói. Trabalho de segunda a sexta como soldador, que não é a profissão que eu escolhi. Mas eu comecei a trabalhar desde muito novo. Hoje tenho 25 anos, mas comecei a trabalhar com 16. Desde muito novo, queria trabalhar em uma grande empresa e ganhar muito dinheiro. Hoje em dia o dinheiro não dá pra quase nada. A gente recebe, paga as contas e sobra muito pouco. Quanto mais eu trabalho, mais eu gasto. E assim a vida segue, trabalhando e gastando e gastando e trabalhando. E vivendo para trabalhar e trabalhando para viver. **(Daniel)**

Nós vivemos para trabalhar, pois não existimos sem o trabalho. Pois o mundo é injusto: se não trabalhamos, como vamos viver? Pois eu fiquei desempregada. Foi a pior coisa que me aconteceu, pois não temos muita chance. O primeiro grau completo é aquele que tem e não consegue trabalho. E é por isso que eu digo que vivemos para trabalhar. **(Nilda)**

Produção associada de saberes



**Produção associada
de saberes**

Dinâmica de grupo

Para (re)conhecer os estudantes de EJA:

Momento I: A Caixa.

Objetivo: Identificar a origem de classe dos estudantes da EJA e refletir sobre suas condições de vida e de trabalho.

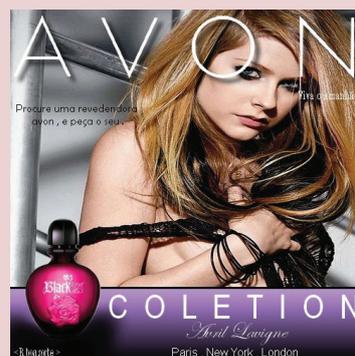
Tempo estimado: 30 minutos

Descrição:

1. Os participantes manuseiam os objetos/imagens contidos em uma caixa: chupeta, chave de fenda, revista da Avon, da Natura, livro, fotografias, alicate de unha, colher de pau, gravata, bola, imagem de um executivo, imagem de um jovem bem sucedido, imagem de apartamento luxuoso, etc.

2. Em grupos, os participantes discutem entre si a partir das seguintes perguntas: Ao olhar para esse objeto ou imagem, o que você teria a dizer sobre as condições de vida e trabalho dos alunos da EJA e seus familiares? Como vivem? Em que trabalham? O que fazem para sobreviver?

3. O relator de cada um dos grupos apresenta as sínteses das discussões.



Momento II: Carta aos Educadores.

Objetivo: Sistematizar os saberes dos professores a cerca das condições de vida e de trabalho dos estudantes de EJA.

Tempo estimado: 60 minutos

Descrição:

1. Tendo em conta os depoimentos do Momento I, o que nós (como professores/trabalhadores) teríamos a dizer aos demais educadores sobre as condições de vida e de trabalho dos estudantes da EJA e de suas famílias? Como vivem? Em que trabalham? O que fazem para sobreviver?

2. Em seguida, o animador propõe que os professores escrevam uma “carta aos educadores”, contendo duas partes. Na primeira, os professores explicam como são as condições de vida e de trabalho dos estudantes da EJA e de seus familiares. Na segunda parte da carta, os professores sugerem o que os materiais pedagógicos de EJA deveriam conter sobre o mundo do trabalho;

3. O animador solicita que cada um dos grupos leia a primeira e a segunda parte da carta. Sugere que as cartas sejam entregues à coordenação da Escola e à Secretaria de Educação.

Observação:

Esta dinâmica de grupo poderá ser adaptada pelos professores para ser desenvolvida em sala de aula, junto aos estudantes de EJA.

O que dizem os professores sobre as condições de vida e trabalho de seus alunos?

“As condições são de sobrevivência pura e simples, pois os nossos estudantes são sempre trabalhadores tidos como ‘MÃO DE OBRA’ barata. São mal remunerados, sem qualificação registrada (certificações) e, pior ainda, sem o registro em carteira de trabalho. Muitos de nossos estudantes trabalham em locais que não refletem a sua realidade e sentem-se discriminados e sua autoestima diminui, o que precisa ser trabalhado na escola.”

“Existe uma carência enorme de tudo e de todos, alguns para mais e outros para menos. Alguns possuem carteira assinada, são assalariados, outros trabalham sozinhos no mercado informal, por conta própria ou para outras pessoas. Existem também muitos desempregados e que dependem até mesmo da refeição que é oferecida na escola (merenda escolar).”

“Trabalham como pedreiros, faxineiros, entregadores de papel nas ruas, manicures, atendentes... Usam roupa de marca (mesmo que seja falsificada), obtendo-as trabalhando e economizando. Desde criança, são treinados pelos pais para venda de produtos nas ruas, mesmo altas horas da noite. Muitas famílias hoje sobrevivem com a venda de artesanatos feitos em casa, reaproveitando materiais que antes eram largados no lixo e que hoje aprenderam a reciclar. Em famílias e vizinhanças, as pessoas ‘passam’ coisas umas para as outras (roupas, cadernos, livros e etc.). Muitas vezes servem a muitas gerações, passando dos mais velhos para os mais novos (geralmente). Observamos essa passagem como uma espécie ‘Feira de Troca’ obrigatória, imposta pela vida dura dos sujeitos.”

“As condições de vida e de trabalho dos estudantes da EJA e seus familiares são as mais variadas e precárias: vêm de um processo de exclusão e trabalham em empregos informais, além de sobreviverem com projetos sociais do governo. Quando possuem emprego formal, o salário não atende às necessidades básicas de sobrevivência.”

“A casa de nossos alunos é uma incubadora de trabalho. São várias as profissões existentes em cada uma delas. Muitos alunos, por conta das necessidades materiais e baixa escolaridade, vivem de atividades informais, como camelôs. Muitos alunos têm problemas como vício em drogas lícitas e ilícitas, jogo, etc. Isso prejudica o aprendizado deles. A escola precisa se aproximar do aluno para saber sobre sua vida, desejos e anseios. Isso é necessário para nortear o trabalho pedagógico a ser desenvolvido.”

“A maioria dos alunos desenvolve o trabalho informal para a sobrevivência. Demonstram um conhecimento prático da profissão. Apresentam sintomas de doenças decorrentes do trabalho braçal, que se agravam com a falta de atendimento nos hospitais e desnutrição.”

“Normalmente, são pessoas com baixa auto-estima e que, geralmente, reproduzem as vidas dos pais, sem muita expectativa de uma real mudança de vida. São pessoas que vivem de um trabalho que mal dá para sobreviver.”

“O trabalhador informal é remetido, no mercado de trabalho, como vendedor ambulante de bebidas e diversos. Conforme vendem, reciclam o plástico e a lata, gerando um pouco mais de renda para sua família e sobrevivência.”

“A maior parte dos estudantes da EJA trabalha na informalidade e, alguns, até na ilegalidade. O subemprego é a realidade para a maioria dos seus familiares.”

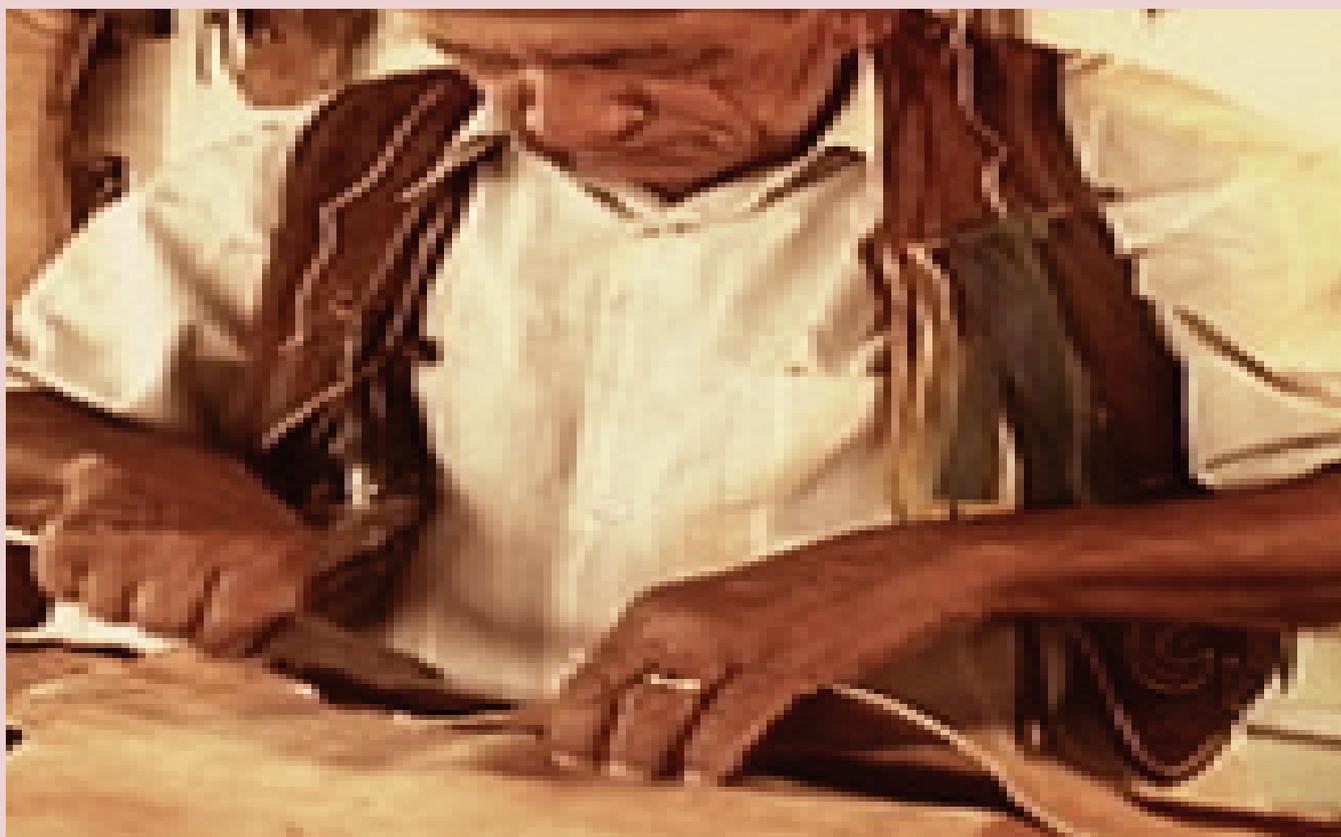
“As condições de vida e de trabalho são diversificadas. Os estudantes possuem trabalhos formais, informais e inclusive ilegais, com distintos padrões de vida. O cotidiano traz múltiplos significados, apontados em atividades que evidenciam necessidade de apoio, carência afetiva, dependência química, anseio por orientação profissional e pedagógica, além da atração/necessidade da merenda escolar. Os alunos com necessidades educativas especiais percebem na escola o meio para suprir as carências acumuladas ao longo de suas vidas.”

“Moradores de periferia, a maioria inseridos na economia informal, vêm sendo explorados, pois necessitam daquele soldo para a sua sobrevivência. Muitos precisam escolher entre a escola e o biscate (por tempo limitado). A família, muitas vezes, não incentiva a continuidade na escola, pois necessita daquela renda para ajudar em casa.”

“A maioria tem trabalhos informais: mecânico, cabeleireiro, empregada doméstica, manicure, vendedor. As vezes, por gravidez na adolescência, não puderam dar continuidade aos estudos. Precisam ingressar no mundo do trabalho e ajudar em casa. Voltam à escola com o objetivo de promoção no trabalho”.



O mundo dentro e fora da escola



Morte lenta de uma cooperativa

Arte em Couro

Esta cooperativa está desativada. Suas instalações são no bairro de Nova Cidade, no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. Criada em 1989, era formada por vizinhos e amigos que encontraram dificuldade de conseguir emprego. Seu Wilson, que já participara de diversos movimentos sociais, foi um dos organizadores do grupo. Ensinava os demais trabalhadores associados a lidar com as tiras de couro, fazendo bolsas e tamancos. Ele nos conta que **“ já começava trabalhando e ia ganhando. Os que sabiam o trabalho ensinavam aqueles que não sabiam”** (Wilson).

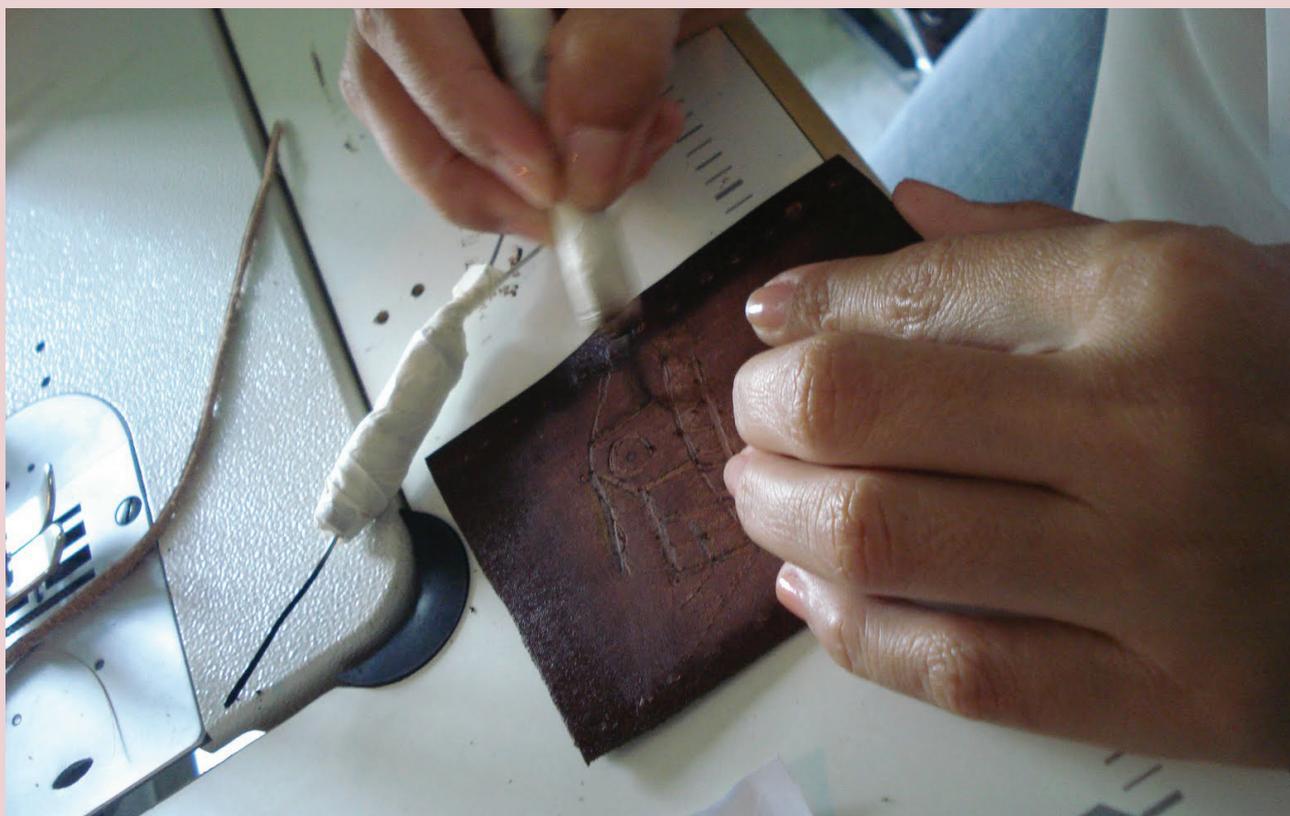
A cooperativa ia bem...Quase sempre havia sobras, mas a invasão dos produtos chineses produzidos com matéria plástica, fez com que muitas empresas de calçados



“ já começava trabalhando e ia ganhando. Os que sabiam o trabalho ensinavam aqueles que não sabiam” (Wilson).

e bolsas fechassem as portas. Isto diminuiu drasticamente a demanda por couro, inviabilizando - pouco a pouco - a possibilidade de geração de renda. Em busca de estabilidade econômica, pouco a pouco os sócios foram saindo. Os filhos de Seu Wilson, que trabalhavam desde pequenos na unidade de produção, saíram em busca de estudo; queriam se profissionalizar em algo que pudesse garantir a reprodução ampliada da vida. Em 2007, após a divisão das máquinas entre o restante dos associados, o empreendimento acabou.

Hoje, Seu Wilson e sua esposa continuam a trabalhar, ensinando quem queira aprender a arte em couro. **“Não tenho mais saúde, mas se alguém precisa aprender, ou usar a máquina eu ensino”**, ele diz. É notório que o convívio de Seu Wilson com comunidades quilombolas, hippies e indígenas, bem como sua participação no Sindicato dos Artesãos foi primordial para a existência da cooperativa, que durou cerca 18 anos. (Seria interessante recuperar essa história!!!) É lamentável que o sonho dos trabalhadores associados tenha sido estrangulado pela lógica do mercado capitalista. Enfim, mais uma cooperativa que deixou de produzir devido a falta de apoio e à dificuldade de se trabalhar **“sem o certo no fim do mês”**.



A difícil arte da sobrevivência

Para reforçar renda, flanelinha aluga calças em frente a fórum no Recife

Clientes são os barrados na portaria por vestirem shorts e bermudas. Serviço representa mais de 30% da renda mensal do flanelinha criativo.

Do G1 PE, com informações do NETV

Um flanelinha que trabalha em frente ao Fórum Rodolfo Aureliano, na Ilha Joana Bezerra, no Recife, descobriu no aluguel de roupas uma forma de aumentar a renda. Além de tomar conta dos veículos, ele vende um serviço bem inusitado: calças compridas. É assim que Wilson de Lira atrai os clientes - homens que são barrados na portaria do Fórum por vestirem shorts e bermudas.

O preço do serviço varia entre R\$ 3 e R\$ 5. O chef de cozinha Gustavo Cara foi tirar um atestado negativo de antecedentes criminais, mas foi vetado pelo segurança – e logo foi abordado por Wilson. O cliente achou bem melhor usar uma das calças de aluguel do que voltar para casa para trocar de roupa. “Eu moro muito longe daqui. Valeu a pena alugar a calça”, disse.

Segundo Wilson, as calças são compradas em feiras. Quanto ao tamanho, o cliente não precisa se preocupar. “Às vezes a gente amarra, quando o cara é magrinho”, revela. Ele diz que, algumas vezes, o serviço dá prejuízo. É que tem gente que não faz a devolução das roupas: “Não sei se é esquecimento ou se é falta de bondade”, minimiza.



O cliente achou bem melhor usar uma das calças de aluguel do que voltar para casa para trocar de roupa. “Eu moro muito longe daqui. Valeu a pena alugar a calça”, disse.



Se os homens precisam prestar atenção à formalidade do visual, para as mulheres a regra é mais tolerante. Elas entram de bermuda ou blusa regata, tranquilamente. Por isso, não fazem parte da clientela do flanelinha.

De acordo com o diretor do Fórum, Humberto Vasconcelos, essas normas não são definidas pela Justiça, mas sim pelos costumes sociais. “A gente não tem um modelo padrão, de roupa de mulher e de homem, para ter acesso ao prédio. A gente determina apenas que a roupa seja composta, seguindo as circunstâncias do prédio, onde as tarefas exigem uma roupa apropriada”, destaca.

Mesmo sem a clientela feminina, o aluguel de calças compridas representa mais de 30% do dinheiro que Wilson, o flanelinha criativo, ganha por mês.

O que é o que é...



O que é o que é...

CRISE DO TRABALHO

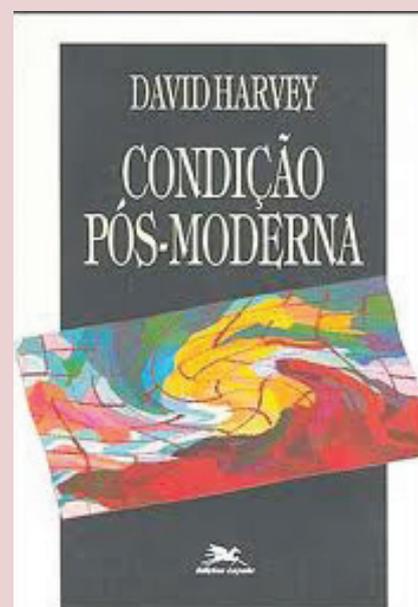
É uma expressão utilizada para fazer referência às transformações sofridas na atividade do trabalho decorrentes das inovações científico-tecnológicas e da mudança do padrão de acumulação capitalista, até então centrado no trabalho assalariado com direitos sociais assegurados por contrato fixo de trabalho. Na acepção corrente, esta expressão é utilizada como similar à “crise do emprego”, entendida como a dificuldade da População Econômica Ativa (PEA) de encontrar trabalho com vínculo empregatício. As pessoas buscam, têm disponibilidade para tal, mas, no entanto, existe escassez de oferta de trabalho. Neste sentido, tanto o desemprego quanto o medo de perder o emprego geram perturbações de diversas ordens, conflitos sociais e políticos. Esta crise manifesta-se, dentre outros: a) pela dificuldade crescente dos jovens encontrarem o primeiro emprego; b) pela tendência de exclusão do mercado de trabalho de pessoas acima de 35/40 anos de idade; c) por atingir tanto os trabalhadores pertencentes às camadas empobrecidas como das camadas médias da sociedade; e) pela sua duração prolongada, o que leva à proliferação de estratégias de trabalho e de sobrevivência, individuais e associativas; f) por afligir as populações dos países considerados “em vias de desenvolvimento” e também aqueles considerados “desenvolvidos” e g) pela oferta de empregos de baixa remuneração, em especial em economias de capitalismo dependente como o Brasil.

A *crise do trabalho* assalariado, ou seja, do emprego, é um fenômeno que se verifica na sociedade capitalista, onde a força de trabalho é uma mercadoria a ser vendida em troca de um salário. Diferentemente de outras formações econômico-sociais (sociedade dos caçadores e coletores, sociedades tribais, sociedade socialista, etc.) em que a reprodução social da vida pressupõe a

A crise do trabalho assalariado, ou seja, do emprego, é um fenômeno que se verifica na sociedade capitalista, onde a força de trabalho é uma mercadoria a ser vendida em troca de um salário.

não existência da exploração do trabalho pelos proprietários dos meios de produção, o desemprego é expressão das contradições entre capital e trabalho, sendo, portanto, inerente ao próprio capitalismo. Desde a primeira Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, a introdução de maquinaria e a produção mecanizada criaram um exército de assalariados e, ao mesmo tempo, o que Karl Marx denominou “exército industrial de reserva” ou “superpopulação relativa” – ambos necessários à expansão do capital. Se, de um lado o crescimento do capital aumenta a demanda de trabalho, por outro, a concorrência obriga o capitalista a investir em métodos e técnicas que intensificam o ritmo de trabalho, provocam mudanças no conteúdo do trabalho, tornam obsoletas algumas ocupações, reduzem os postos de trabalho, gerando o chamado “desemprego tecnológico”. A relação entre inovações tecnológicas e desemprego tem sido objeto de análise de diferentes correntes do pensamento econômico – questão esta que no início do século XIX já havia sido considerada por David Ricardo (economista clássico inglês) – também foi objeto de manifestações dos *ludditas* que, na Inglaterra, entre 1811 e 1831, quebravam as máquinas como forma de rebelar-se contra o “poder das máquinas” de substituir o trabalho vivo pelo trabalho morto. Para os marxistas, mais do que uma disfunção esporádica ou transitória que gera perturbações no processo econômico, a *crise do trabalho* assalariado é estrutural, sendo parte integrante da atual crise do capital. Autores como Antunes (1999) e Harvey (1992) enfatizam que a crise do socialismo foi um dos fatores que favoreceu o desmonte do Estado do Bem-Estar Social e da sociedade do pleno emprego, apregoada pelos adeptos do keynesianismo. Para eles, o esgotamento do regime taylorista-fordista de acumulação de capital dá lugar ao regime de acumulação flexível (ou pós-fordista), o qual, mais uma vez, modifica o conteúdo e a organização do processo de trabalho, requerendo a re-qualificação do trabalhador para o trabalho flexível. Na atual fase do

Se, de um lado o crescimento do capital aumenta a demanda de trabalho, por outro, a concorrência obriga o capitalista a investir em métodos e técnicas que intensificam o ritmo de trabalho, provocam mudanças no conteúdo do trabalho, tornam obsoletas algumas ocupações, reduzem os postos de trabalho, gerando o chamado “desemprego tecnológico”.



desenvolvimento do capitalismo, a *crise do trabalho* está associada à reestruturação produtiva que, dentre outros, consiste na compatibilização de tecnologias informacionais com a organização de cadeias produtivas constituídas de micro-empresas, empresas familiares e cooperativas. Isto significa que, com o deslocamento de 75% da força de trabalho para o exterior da empresa-mãe, a terceirização diminui os custos dos empresários com a mão de obra, favorecendo a flexibilização das relações entre capital e trabalho. A partir das últimas décadas do século XX, as políticas econômicas neoliberais têm desestruturado a “sociedade salarial” (Castel, 1999), retirando do Estado e dos empresários a responsabilidade quanto à necessidade de proteger os trabalhadores das contradições entre capital e trabalho, assegurando-lhes habitação, transporte, saúde, educação e seguridade social. Para Milton Friedman (1977), as teorias de Keynes sobre a intervenção do estado na distribuição do trabalho remunerado e na atividade econômica em geral é incompatível com a perspectiva de maximização da liberdade individual, a qual se realiza no mercado por meio da livre concorrência.

Alguns teóricos afirmam que os avanços tecnológicos nos permitiriam o tempo livre e que, sendo o desemprego inevitável, vivemos o fim da sociedade do trabalho. Assim sendo, o trabalho deixa de ser um elemento fundamental de constituição da identidade dos seres humanos (Offe, 1989; Schaff, 1990). Entretanto, com a crise estrutural do emprego, surgem antigas e novas formas de trabalho, assim, o trabalho continua como elemento fundamental da formação humana e como categoria-chave para análise das relações sociais. Observa-se que, principalmente, nos países que não desfrutaram da “sociedade do pleno emprego”, a reprodução social da vida requer a criação de estratégias de trabalho, de uma maneira geral, precárias. Como alternativas ao desemprego, destacam-se as organizações econômicas dos trabalhadores associados, consideradas como parte integrante

Observa-se que, principalmente, nos países que não desfrutaram da “sociedade do pleno emprego”, a reprodução social da vida requer a criação de estratégias de trabalho, de uma maneira geral, precárias.



John Maynard Keynes

do movimento por uma Economia Solidária a qual busca se contrapor à lógica da economia capitalista.

É controvertido o debate acerca das formas de resolver ou atenuar a *crise do trabalho* assalariado: criação de postos de trabalho fixos e temporários; destinação de uma renda básica para os desempregados, permitindo que os mesmos desenvolvam trabalhos comunitários; diminuição da jornada de trabalho sem redução do salário etc. Considerando o desemprego como tempo livre forçado, Frigotto (1996) afirma que o que está em crise não é o trabalho, mas as relações entre capital e trabalho fundadas no trabalho assalariado; em especial, o emprego com os direitos sociais que, historicamente, foram conquistados pelos trabalhadores. Analisa que, ao contrário do que pressupõe a Teoria do Capital Humano, embora exista a necessidade de re-qualificação dos trabalhadores para enfrentar os novos desafios dos processos produtivos, a educação não é a solução para as desigualdades sociais e, tampouco, para o desemprego.

Diferentes perspectivas político-pedagógicas de caráter mistificador apresentam-se frente à *crise do trabalho* assalariado. Entre elas, destaca-se a educação por competências para a *empregabilidade* e para o *empreendedorismo*. Contrapondo-se à lógica do capital, outras perspectivas centram-se na *formação/educação em economia solidária*. Se a força de trabalho não é necessariamente uma mercadoria e se, tampouco, a reprodução social da vida se circunscreve às regras das relações capitalistas de produção, um dos desafios das políticas públicas de desenvolvimento sócio-econômico-ambiental é, também, a qualificação para o trabalho emancipado, bem como o estímulo de experiências autônomas e autogestionárias, sob o controle dos trabalhadores.

Lia Tiriba

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1977.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1996.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

MARX, Karl. *O capital*. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SCHAFF, Adam. *Sociedade informática*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OFFE, Claus. *Trabalho: a categoria chave da sociologia?* *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, ANPOCS (10): 5-20, jun. 1989.

MUNDO(S) DO TRABALHO

É uma expressão utilizada para fazer referência à multiplicidade de atividades de *trabalho* e ao contexto econômico, social, político e cultural onde elas se realizam. Associada à forma pela qual a riqueza social é produzida e distribuída, abrange tanto as atividades de criação de bens materiais como de bens simbólicos que, num determinado espaço e tempo histórico, são considerados necessários à vida em sociedade. Tomando como exemplo o capitalismo no século XXI, o termo pode ser utilizado para englobar a totalidade dos processos de produção e regulação social ou para referir-se a alguns de seus aspectos. No primeiro caso, diz respeito a tudo o que, mediado pelo trabalho, envolve as relações dos seres humanos entre si e com a natureza. Ademais da dimensão ontológica (que cobre o sentido do *trabalho* como base originária da característica humana do ser), tem-se em conta a dimensão sociológica do trabalho, ou seja, as formas de sua configuração; por exemplo, no regime de acumulação flexível. No segundo caso, refere-se aos seus aspectos fenomênicos (manifestações observáveis do que seria a essência da realidade do *trabalho* num dado contexto), como a precarização do trabalho, o desemprego, as estratégias de *trabalho* e de sobrevivência, o *trabalho* infantil, a reforma da previdência social, a reforma do ensino técnico, o investimento em capital financeiro em detrimento do capital produtivo, etc.

Na perspectiva do materialismo histórico, trata-se de um termo genérico para a totalidade das mediações de “segunda ordem”, relacionadas à forma como toma o *trabalho* num determinado momento histórico e sob um determinado conjunto de relações sociais de produção. Isto significa que, sem desprezar a dimensão ontológica, o termo eviden-

Associada à forma pela qual a riqueza social é produzida e distribuída, abrange tanto as atividades de criação de bens materiais como de bens simbólicos que, num determinado espaço e tempo histórico, são considerados necessários à vida em sociedade.

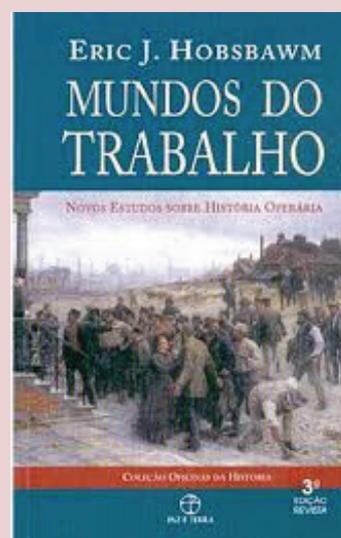
ciaria a dimensão histórica (e geográfica, se for o caso) do trabalho. Mediação de “primeira ordem” seria a dimensão precípua e mais ampla da categoria trabalho, ou seja, a relação dos seres humanos com a natureza, condição vital da autoconstituição humana. Nesta perspectiva, um aspecto a considerar na análise do *Mundo do Trabalho* é a relação entre a estrutura do modo de produção e a conjuntura do trabalho. Para Souza Junior (2000, p.219), “a expressão em questão procura englobar todo o universo do trabalho, refere-se ao contexto e às relações onde o mesmo se realiza”. Ao evidenciar as mudanças por que passa o *Mundo do Trabalho* do final do século passado e entrada no século XXI, Assis sugere um “Kit para sobreviver no Novo Mundo do Trabalho” (ASSIS, 1999, p. 133). Nesse estudo, lista uma série de características que vai dando novos contornos ao trabalho, na verdade em sua forma “emprego”: terciarização do mundo do trabalho, aumento do mercado informal, crescimento do *trabalho* precário, elevação do desemprego aberto, flexibilização do trabalho, *trabalho* em domicílio, trabalho de menos tempo, etc. Por esta definição, pode-se inferir que o Mundo do Trabalho, posto até aqui, diz respeito mais à conjuntura do trabalho do que a estrutura econômica e social onde ele se materializa.

Outro aspecto a considerar na reflexão do que seja *Mundo do Trabalho* é a sua contraposição à expressão “Mundo dos Negócios”. Esta última é prezada em algumas áreas, como na Economia, Administração, Marketing, etc. O pressuposto termo “Mundo do Capital” não parece ser a antítese mais adequada para contribuir nesta reflexão, já que em comparação com o termo “Mundo dos Negócios” não tem a mesma recorrência. Na sociedade capitalista, por “Mundo dos Negócios”, pode-se entender sinteticamente como um o espaço protagonizado pela figura

Outro aspecto a considerar na reflexão do que seja Mundo do Trabalho é a sua contraposição à expressão “Mundo dos Negócios”. Esta última é prezada em algumas áreas, como na Economia, Administração, Marketing, etc.

do empresário e em que há efetivamente o investimento do Capital na busca por lucro. Em última instância, tanto “Mundo dos Negócios” quanto *Mundo do Trabalho* são expressões fenomênicas da relação subjacente entre Capital e Trabalho. A maior contradição no uso desses termos é, por vezes, o tratamento conferido - forma estanque e desarticulada, o que contribui para dividir o universo social em vários mundos, em compartimentos separados: o dos negócios, o da política, do trabalho, o da religião, etc. Na verdade, o vulto que cada um desses mundos assume se torna tão grande que a busca de seu conhecimento por vezes incita a desconsiderar elementos que perpassam por todos eles. Por outro lado, o uso do termo no singular (Mundo do Trabalho) pode denotar uma perspectiva ideológica do “fim das utopias” e, portanto de generalização do capitalismo como único modo possível de produção da existência humana. O historiador marxista Eric J. Hobsbawm (2005) em uma de suas obras apresenta parte da expressão no plural, *Mundos do Trabalho* (Worlds of Labour, no original em inglês); e, assim também aparece, com essa mesma denominação, um grupo de trabalho (GT) na Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH). Nesse estudo de Hobsbawm, que poderia sugerir uma fragmentação de mundos ou submundos, na verdade, a designação expressa precisamente o contrário. “Mundos”, assim no plural, exprime as diferentes experiências engendradas pelos trabalhadores, considerando o trabalho em sua totalidade. A maior parte dos textos que compõem essa obra de Hobsbawm datam da década de 70 (Copyright do livro: 1984), ou seja, a denominação parece ser a mais antiga. O título utilizado pelo autor quer, exatamente, dar nexos aos mundos do trabalho (diacrônica e sincronicamente) de maneira a contribuir para a História Operária. A reflexão de Hobsbawm não necessariamente se opõe à forma de como a expressão *Mundo do*

“Mundos”, assim no plural, exprime as diferentes experiências engendradas pelos trabalhadores, considerando o trabalho em sua totalidade.



Hobsbawm

Trabalho vem sendo utilizada; não obstante, traz à lembrança de que a base é o trabalho, que o referido “mundo” está posicionado historicamente e de forma conjuntural.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9.394/96), no parágrafo 2º do artigo 1º, afirma que “a educação escolar deverá vincular-se ao *mundo do trabalho* e à prática social”. O *Plano Nacional de Qualificação – PNQ* (2003-2007) (v.) define a *qualificação social e profissional* como “aquela que permite a inserção e atuação cidadã no mundo *trabalho*”. Considerando as ressalvas dadas, a expressão *Mundos do Trabalho* tornou-se cara para quem estuda e trabalha nas áreas de Sociologia do Trabalho, Trabalho e Educação etc. Sua utilização propicia, no mínimo, uma ênfase à categoria trabalho, pressupõe o nexos entre as diferentes experiências de trabalho e possibilita a reflexão e o confronto interdisciplinar/transdisciplinar com outras áreas.

Lia Tiriba e Alexandre Maia do Bonfim

Bibliografia

ALVES, Giovanni. O novo (e precário) mundo do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha. Ensaios sobre a morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

ASSIS, Maria de. O Mundo do trabalho. 2ª ed. Brasília: SENAI/DN, 1999.

BOTTOMORE, Tom (org.). Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HOBBSAWM, Eric J. Mundos do trabalho: novos estudos sobre História Operária. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2002.

SOUZA JÚNIOR, Justino. Mundo do trabalho. In FIDALGO, Fernando; MACHADO, Lucília. Dicionário da Educação Profissional. Belo Horizonte: NETE, FAE/UFMG, 2000: 219.

Agradecimento aos Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo que participaram na construção do material pedagógico

Adriana Martins dos Santos
 Alba Maria Souza do Nascimento
 Aluisio Tacildo Costa Filho
 Amanda Moreira Borde
 Ana Cláudia de Andrade Almeida
 Ana Cristina Costa Magalhães
 Andréa de Souza Fontes
 Ângela Maria Azevedo Rangel
 Angélica Quintanilha J. D. Lemos
 Anna Carolina Perez C. Martins
 Augusto Beug Netto
 Ayses Barreto Barbosa
 Bianca da Silva Duarte
 Carlos Fernando Vizeu Pontes
 Claudia da Silva Malta
 Claudia Helena Cezario Ferreira
 Claudia Paixão Conceição Rosa
 Cledir Ribeiro da Silva
 Cristine de Souza Coutinho dos Santos
 Danielle Velasco Estevam
 Dione Barbara da Silva
 Dulcineia Manhaes
 Edilene Corrêa Rocha
 Edson da Silva Gomes
 Elizabeth Moraes Vianna
 Fatima Moreira Magalhães
 Fernando Pereira do Nascimento Junior
 Gerson Barbosa Feitosa
 Gisele Batista Herdy
 Gloria Regina Zarate de Souza
 Hulda Correa de Lima Silva
 Isabel Christina Goudard Braga
 Izilda Maria Coutinho Araujo
 Jacira de Paiva Dobbin Barros
 Janaína Badini Tubenchlak
 Jane da Silva Chagas
 Janine de Souza Siqueira
 Joaquim Francisco de Pinho Filho
 Jorsélia Ferreira Santos
 José Augusto Costa Ribeiro
 José Renato Vieira Rodrigues
 Karla Christina Porto de Oliveira Ferreira
 Katia Cristina Eccard Bersot
 Layla Souza da Silva Amorim
 Liliane de Castro Matta Mangelli
 Lisiane de Aguiar Tavares
 Lucilene Nogueira Neves
 Lucimara de Oliveira Santos Coelho
 Maíra Vieira do Vale
 Márcia Luzia Cardoso Carneiro
 Márcia Valéria Ribeiro de Britto
 Marco Antonio Barbosa Bustamante Sá
 Marcos Marcelino Costa de Barros
 Maria Augusta Ferreira Miguel
 Maria José dos Santos Tavares
 Maria Lúcia Xavier Cavalcante
 Maria Luiza Pereira Soares
 Mauro Soares
 Mercêdes Olympia Costa Durão de Barros
 Monica Bento da Silva
 Osvaldo Elias de Brito Borges
 Patricia Ferreira Yamamoto
 Patrícia Lannes de Oliveira Rodrigues
 Regina Celia Saboia
 Regina Quintanilha Braga
 Renata Campos Rodrigues
 Roberta Adriana Anillo Monteiro
 Ronaldo Pimentel Baptista
 Rosa Therezinha Tavares Gomes
 Rosângela Dos Santos Corrêa
 Rose Mary S. C. Ribeiro
 Roseli Lemos
 Rosely Farias Sardinha
 Rosinete Vitorino Mendes Guimarães
 Sergio Mendonça Kiemen
 Silvana Augusta De Freitas Mota
 Silviane de Oliveira Silva
 Simone Santos dos Reis
 Thaiza Valéria Silva Soares
 Valéria Gualter Coutinho
 Vagner Luiz Brum dos Santos
 Vanda de Assis Torres Barreto
 Vera Lucia Braga
 Washington Mousinho Lins dos Santos



LEIA OS OUTROS CADERNOS DESTA COLEÇÃO

